

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

LUANA YARA DA SILVA SOARES

**A REDUÇÃO DO DITONGO NASAL ÁTONO FINAL NA CIDADE DE
UBERLÂNDIA**

Uberlândia/MG
Agosto de 2015

LUANA YARA DA SILVA SOARES

A REDUÇÃO DO DITONGO NASAL ÁTONO FINAL NA CIDADE DE
UBERLÂNDIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos dos Cursos de Mestrado e Doutorado, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Luciani Ester Tenani—UNESP/ São José do Rio Preto

Profa. Dra. Talita de Cássia Marine - ILEEL/UFU

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães - ILEEL/UFU - Orientador

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S676r Soares, Luana Yara da Silva, 1991-

2015 A redução do ditongo nasal átono final na cidade de Uberlândia / Luana Yara da Silva Soares. - 2015.
95 f.

Orientador: Jose Sueli de Magalhães.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Língua portuguesa - Fonologia - Teses. 3. Linguagem popular - Uberlândia (MG) - Teses. 4. Linguagem e línguas - Variação - Teses. I. Magalhães, Jose Sueli de, 1967-. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

AGRADECIMENTOS

Confesso que o momento mais aguardado durante a escrita dessa dissertação, e de todo o meu Mestrado, foi o momento de agradecer. Gostaria que essas páginas fossem ilimitadas, pois são inúmeros os agradecimentos: pessoas especiais que me apoiaram, inspiraram, ajudaram e se angustiaram comigo. Enfim, meus anjos.

Agradeço a Deus, por ter me dado forças e colocado pessoas maravilhosas no meu caminho, para me mostrarem que eu era capaz e conseguiria concluir mais essa etapa.

Aos meus pais, Rosa e Alcenir, e à minha irmã Suélen, por estarem presentes na minha vida, sempre me apoiando e mesmo “sem entender” o que eu tanto estudava, estavam SEMPRE do meu lado! Vocês são a razão da minha vida, amo vocês.

Ao meu namorado, Guilherme, por me “aguentar” tantas vezes reclamando do cansaço e desse tempo de estudo, mas sempre esteve ali, ao meu lado, dando-me forças e acreditando mais em mim do que eu mesma. Tenho certeza que sem o seu apoio eu não teria conseguido ir até o final. Você deixou esse tempo mais “leve” e “perfumou” a minha vida de um jeito sem igual! Obrigada pelo companheirismo e amor, mas, acima de tudo, pela amizade de sempre!

À família do meu namorado, uma “segunda e nova” família para mim, que desde o início esteve presente, dando força e incentivo e entendendo os momentos da minha ausência. Vocês trouxeram uma nova “fita” para os meus laços familiares.

Aos meus avós, José Leal e Zila, pelas caronas para tantas aulas e reuniões na época do Mestrado, incentivo, almoços maravilhosos e pelo amor de “vó” e “vô” que não tem explicação. Amo vocês!

Aos meus tios, Professores Doutores Adeilson Barbosa Soares e Alcimar Barbosa Soares, por serem exemplos de profissionais e amantes da Academia, exemplos de amor pelo conhecimento. Admiração é a palavra!

Aos meus tios, primos e padrinhos, obrigada pelo carinho e apoio de sempre.

Às minhas amigas amadas e que sempre estiveram por perto, apoiando e incentivando cada vez mais: Noely, Ana Luiza, Fernanda, Renata, Laís, Dúnnia, Mari, Paty, Dani (afilhada querida) e Micaela. Vocês são o “colorido” da minha vida!

À Fernanda Alvarenga, amiga pesquisadora e apaixonada pela Fonologia. Obrigada pelas inúmeras ajudas nos momentos de dúvida e “perrengue” com o GoldVarb. Você foi parte importante para a conclusão desse trabalho!

Aos meus colegas do GEFONO, por compartilharem seus conhecimentos sobre Fonologia e sempre estarem dispostos a ajudar.

Aos amigos Bruno e Vitor, por compartilharem das disciplinas e angústias da Pós e por deixarem esse tempo de estudo “bem mais divertido”. A amizade de vocês significa muito pra mim!

Agradeço às Professoras Doutoras Adriana Cristina Cristianini e Maura Alves de Freitas Rocha, pelas contribuições feitas em meu trabalho, no exame de Qualificação.

Agradeço também à Virgínia, Lorena e Luana, funcionárias queridas do PPGEL, que tanto me auxiliaram com questões burocráticas durante o Mestrado.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Magalhães, obrigada pelos conselhos, orientações, “puxões de orelha” e, acima de tudo, pela oportunidade em me apaixonar pela Fonologia.

Obrigada a todos, verdadeiros anjos que Deus colocou na minha vida! Amo vocês.

RESUMO

Neste trabalho, investigou-se a variação do ditongo nasal átono final com base nos dados de fala de indivíduos residentes na cidade de Uberlândia-MG. O foco central da pesquisa fixou-se entre a realização plena do ditongo (*viagem* [viaʒẽ]) e a realização reduzida (*viagi*[viaʒi]). A quantificação dos dados foi realizada com o auxílio do programa estatístico GoldVarb X. Após descrição e análise dos dados, observando-se frequência e peso relativo, conforme gerado pelo programa foi empreendida uma análise fonológica dos resultados. A relevância desta pesquisa está no fato de ela contribuir com os estudos linguísticos, ao descrever um fenômeno variável patente no português brasileiro, com dados de uma região específica, qual seja o Triângulo Mineiro, na qual se situa Uberlândia – cidade onde foram coletados os dados. Por fim, como suporte teórico, respaldamo-nos em Battisti (1997; 2002), Bisol (1989; 1999), Câmara Jr. ([1970] 2008), Bopp da Silva (2005), Labov ([1972] 2008) e Selkirk (1982). O programa GoldVarb X selecionou como favorecedores do processo de redução do ditongo nasal átono final, o *grau de escolaridade*, *tipo de vogal*, *classe gramatical* e *faixa etária*. O modelo teórico de Selkirk (1982) foi fundamental para compreendermos a constituição descritiva e representacional da estrutura silábica pós-redução do ditongo.

Palavras-chave: Ditongo Nasal. Variação linguística. Fonologia. Português Brasileiro. Sílabas.

ABSTRACT

This work has investigated the variation of the final unstressed nasal diphthong from the speech of people who live in Uberlândia – MG. The main focus of this research has set itself between the full realization of the diphthong (*viagem* [viaʒẽj]) and the reduced realization (*viagi*[viaʒi]). Using the statistic program GoldVarb X help the data measurement was made. After the description and the data analysis, observing frequency and relative importance, as generated by this program, a phonological analysis of the results was undertaken. The importance of this research is in the fact of its contribution to linguistic studies, when describing a variable phenomenon rank in the Brazilian Portuguese, with a specific region data, Triângulo Mineiro, where Uberlândia is situated – the city where the data has been collected. Finally, as theoretical support, we have been based on Battisti (1997; 2002), Bisol (1989; 1999), Câmara Jr. ([1970] 2008), Bopp da Silva (2005), Labov ([1972] 2008) and Selkirk (1982). The program GoldVarb X has selected the school level, vowel type, grammatical type and age group as the process suppliers of the final unstressed nasal diphthong reduction. The theoretical model of Selkirk (1982) was crucial for the understanding of descriptive and representational constitution of the after reduction syllable structure of the diphthong.

Key-words: Nasal Diphthong. Linguistics variation. Phonology. Brazilian Portuguese. Syllable.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Ditongos do latim clássico para o latim imperial	19
QUADRO 2. Nasalização e a nasal resultante	20
QUADRO 3. Origem das terminações – <i>am</i> , – <i>om</i> e – <i>ão</i> no português arcaico	21
QUADRO 4. Mudanças da ditongação do latim clássico para o português arcaico	24
QUADRO 5. Exemplos de ditongos nasais no Português Europeu	27
QUADRO 6. Conclusões de Bopp da Silva (2005) sobre a redução do ditongo	39
QUADRO 7. Escala universal de sonoridade.....	45
QUADRO 8. Exemplos dos padrões silábicos do Português	46
QUADRO 9. Células de pesquisa conforme o sexo feminino	54
QUADRO 10. Células de pesquisa conforme o sexo masculino	55
QUADRO 11. Exemplificação de trecho transcrito da entrevista	57
QUADRO 12. Exemplificação de codificação realizada	58
QUADRO 13. Ordenamento de Regras do processo de variação do ditongo nasal átono final	80
QUADRO 14: Dados que apresentaram preservação da nasalidade e alçamento da vogal com as vogais especificadas	81

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Sete vogais do latim imperial	19
FIGURA 2. Formação do glide a partir da palavra <i>criais</i>	26
FIGURA 3. Representação das palavras <i>sótão</i> e <i>pairam</i>	28
FIGURA 4. Representação das variantes do ditongo <i>homem</i>	30
FIGURA 5. Representação da sílaba.....	32
FIGURA 6. Representação do ditongo.....	33
FIGURA 7. Modelo de representação da sílaba	42
FIGURA 8. Representação da sílaba segundo Selkirk (1982)	44
FIGURA 9. O “verdadeiro” e o “falso” ditongo	46
FIGURA 10. Formação do glide nasal segundo Bisol (1989).....	49
FIGURA 11. Mapa da localização geográfica de Uberlândia	62
FIGURA 12. Foto da cidade na década de 40	64
FIGURA 13. Representação da palavra “ <i>coragem</i> ” quando sofre redução	79

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Especificação do contexto precedente (modo)	61
TABELA 2. Amostra de dados de Uberlândia – MG para a aplicação da regra de redução das vogais átonas finais e da preservação da regra supracitada.....	70
TABELA 3. Grau de escolaridade.....	72
TABELA 4. Tipo de Vogal núcleo do ditongo	73
TABELA 5. Classe Gramatical	74
TABELA 6. Faixa etária.....	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. Fundamentação Teórica	17
1.1. A formação do ditongo no Latim	17
1.2. O processo de ditongação nasal no Português	25
1.3. A redução dos ditongos nasais átonos finais	34
1.4. Suporte teórico para análise fonológica dos dados	41
1.4.1. A sílaba	41
2. Metodologia	50
2.1. O Modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista	50
2.2. Contexto da pesquisa	53
2.2.1. A constituição da amostra	53
2.2.2. A coleta e a seleção dos dados	55
2.2.3. O banco de dados GEFONO	58
2.2.4. O programa estatístico: GOLDVARB X	58
2.2.5. Localização e escolha do município pesquisado	62
3. Constituição e organização do corpus	65
3.1. Variável dependente	65
3.2. Variáveis independentes	66
3.2.1. Variáveis linguísticas	66
3.2.1.1. Contexto precedente	66
3.2.1.2. Contexto seguinte	67
3.2.1.3. Nasalidade do contexto seguinte	67
3.2.1.4. Classe gramatical	68
3.2.1.5. Tipo da vogal núcleo do ditongo	68
3.2.2. Variáveis extralinguísticas	68
4. Análise dos resultados	70
4.1. Análise estatística	77
4.2. Análise fonológica	77
4.2.1. A preservação e a redução do ditongo nasal átono final	80
4.2.2. Alçamento da vogal sem a redução	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
ANEXOS	88

INTRODUÇÃO

A linguagem é o meio pelo qual os seres humanos se comunicam. É por meio dela que inúmeras relações sociais são criadas, seja em ambientes formais ou informais do cotidiano. Assim, se considerarmos o fato de que a linguagem é um fator social, existirão, no âmbito das relações entre os indivíduos que dela usufruem, modos diversos de manifestação, seja na modalidade escrita, falada, gestual, simbólica ou em outras possíveis formas de comunicação. No que concerne, de modo particular, à fala, a variação é incontestável, pois esta é inerente a qualquer grupo de falantes. Pode-se afirmar, portanto, que a interação social gerada pela linguagem ocasiona uma heterogeneidade na fala dos seres humanos, e que esta heterogeneidade se reflete nos fenômenos de variação linguística.

Por seu caráter intrínseco às línguas naturais, a *variação* tornou-se o objeto de pesquisa de vários linguistas interessados em descobrir *como*, *por quê* e *quais* elementos internos e externos à linguagem podem promover as diferentes formas que os indivíduos encontram para se referirem a um mesmo valor referencial. É necessário explicitar que a variação significa a existência de diferentes formas de manifestação linguística, porém com o mesmo valor de verdade, e a essas diferentes manifestações é atribuída a noção de formas variantes. Entre as inúmeras possibilidades de formas variantes perceptíveis na língua, este trabalho se dedicará à variação fonológica, considerando um fenômeno variável de fácil percepção em muitas comunidades de fala no Brasil, a saber, o ditongo nasal. O que nos direcionou ao estudo deste fenômeno variável foi uma inquietação sobre sua ocorrência em posição átona em final de palavras, realizado por falantes residentes no município de Uberlândia-MG. Em uma atenta observação à fala destes indivíduos, rapidamente se percebe a realização do ditongo nasal átono final com, pelo menos, duas variantes: i) na forma plena, como [‘forãũ], [vi‘aʒẽ] e [‘oxgãũ], respectivamente para “*foram*, *viagem* e *órgão*”; e ii) na forma reduzida, em que apenas um dos segmentos, que antes compunham o ditongo, sobrevive, tal como em [‘foru],[vi‘aʒi], [‘õrgu], para as mesmas palavras anteriores.

De posse dessas observações, o presente trabalho pretende aprofundar no estudo da variação do ditongo nasal átono final, buscando descrever e analisar este fenômeno variável a partir da fala espontânea de indivíduos pertencentes à comunidade de fala do município de Uberlândia, situado na região do Triângulo Mineiro. Para a realização deste intento, direcionaremos nossa

atenção à pronúncia de palavras como *passagem*, *órfão*, *viagem*, *jovem*, *foram*, *partiram* e tantas outras que contiverem ditongo nasal átono em posição final, independentemente de serem nomes ou verbos.

Partindo, pois, da convicção de que o fenômeno variável acima descrito é patente entre os falantes do município de Uberlândia, esta pesquisa tem por **objetivo geral** traçar o perfil da regra variável referente aos ditongos nasais átonos finais nesta comunidade de fala, efetuando, portanto, uma análise quantitativa. Feito este estudo variacionista, pretendemos também realizar uma análise fonológica, procurando descrever as variantes do ditongo nasal, a fim de compreendermos o que acontece fonologicamente quando a redução do ditongo ocorre e quais são os procedimentos de que o falante se utiliza para este tipo de realização.

Somados a este objetivo geral, esse trabalho pauta-se nos seguintes **objetivos específicos**:

- Descrever e analisar as variáveis linguísticas e extralinguísticas favorecedoras ou desfavorecedoras do fenômeno variável do ditongo nasal átono final, na comunidade de fala de Uberlândia-MG;
- propor uma descrição fonológica da redução dos ditongos nasais átonos em posição final.

Para alcançar os objetivos expostos acima, utilizamos os corpora pertencentes ao banco de dados do GEFONO - Grupo de Estudos em Fonologia da Universidade Federal de Uberlândia. Este banco de dados é constituído por entrevistas de fala espontânea, realizadas com indivíduos dos sexos masculino e feminino, na faixa etária acima de 14 anos, e com diferentes anos de escolaridade, não incluindo, portanto, analfabetos. Utilizaremos inquéritos realizados com 24 indivíduos, salientando que as entrevistas foram gravadas em ambiente informal, transcritas em sua totalidade e, em seguida, codificadas conforme os dados fossem de interesse para esta pesquisa. Todos os dados foram estratificados com o auxílio do programa estatístico GoldVarb X, ferramenta que nos permitiu verificar estatisticamente a ocorrência ou não do fenômeno aqui analisado. Posteriormente à quantificação, realizamos uma análise fonológica do fenômeno.

A escolha da redução dos ditongos nasais átonos como fenômeno a ser estudado foi feita ainda na graduação, com o propósito de desenvolver um trabalho de Iniciação Científica.

Logo, essa pesquisa se justifica pela necessidade de aprofundarmos as investigações de um fenômeno fonológico variável bastante produtivo no português brasileiro e claramente perceptível entre nossos informantes. Justifica-se também por buscarmos outras formas metodológicas, diferentes das utilizadas na iniciação científica, como o estabelecimento de mais variáveis, somadas a um maior aprofundamento teórico e análise fonológica, para compreendermos melhor este fenômeno. Além disso, a pesquisa poderá contribuir com os estudos sobre a nasalidade no português brasileiro, uma vez que, como aponta Bopp da Silva (2005), ainda são poucos os estudos com dados de fala sobre esse fenômeno, sendo que a maioria se concentra no âmbito teórico.

Alguns estudos sobre o ditongo nasal, no Brasil, já foram realizados por Bopp da Silva (2005), Battisti (1997 e 2002) e Bisol (1989). Estes trabalhos foram importantes auxílios para compreendermos melhor o tema de nossa pesquisa e, visto a necessidade de se ampliarem os estudos sobre o assunto, acreditamos que nossa pesquisa com informantes da cidade de Uberlândia pode ser mais uma grande contribuição para os estudos fonológicos e variacionistas que se dedicarem ao mesmo tópico. Por fim, esta pesquisa torna-se relevante também por contribuir com as pesquisas que se utilizam de dados de fala da região do Triângulo Mineiro, já que descreve e analisa um fenômeno fonológico presente em Uberlândia e ainda não investigado devidamente e por extensão contribui para a descrição do PB.

O empreendimento a que nos dedicamos neste trabalho compõe-se, em um primeiro momento, de uma análise quantitativa binária, ou seja, de um lado a ocorrência plena do ditongo nasal átono final e, de outro, a realização reduzida deste ditongo. Em um segundo momento, uma análise fonológica será feita para compreendermos o fenômeno sob o ponto de vista da Teoria da Sílabas, uma vez que a não realização plena do ditongo repercute diretamente sobre a organização estrutural deste constituinte que, de dois elementos na rima, passa a ter apenas um. Esta análise fonológica será realizada a partir do modelo arbóreo proposto por Selkirk (1982), utilizado também por Bisol (1999) para a descrição geral da sílaba e de seus constituintes no português brasileiro.

Ratificamos que a escolha da cidade de Uberlândia para a coleta dos dados se deu, primeiramente, por percebermos que o fenômeno da redução do ditongo nasal átono final está

presente entre os falantes residentes na cidade, o que notamos de maneira intuitiva e, posteriormente, com um trabalho realizado na Iniciação Científica. Também o fato de esta ser minha cidade natal e de residência permitindo-me conhecer de perto seus hábitos e estar familiarizada com o “falar” de seus habitantes. Esta é uma situação de inegável auxílio ao pesquisador que vai a campo para a coleta de dados.

Em conformidade com a escolha do fenômeno a ser estudado e com os objetivos traçados nesta pesquisa, formulamos de início seis hipóteses que buscaremos confirmar, ou refutar por meio dos resultados que forem obtidos:

- O contexto seguinte, quando iniciado por um segmento vocálico, favorece a aplicação da regra de redução do ditongo. Ex.: *Ela é uma jovem amiga*.
- A altura da vogal núcleo dos ditongos nasais pode favorecer a redução destes. Ex.: *órgao* (vogal baixa); *viagem* (vogal média-alta); *fórum* (vogal alta).
- Pode haver casos em que o ditongo será apagado por completo. Ex. [*viaʒ*].
- Nomes (substantivo, adjetivo e advérbios) poderão favorecer a aplicação da regra de redução do ditongo nasal.
- A redução do ditongo nasal pode ocorrer diferentemente, conforme a faixa etária e o grau de escolaridade do indivíduo.
- A realização plena ou reduzida do ditongo nasal átono independe do sexo do falante.

Apresentadas nossas hipóteses de pesquisa, resta destacar que, para a descrição quantitativa do fenômeno, utilizamos o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista nos moldes propostos por Labov (2008)¹, o qual se encontra detalhado no capítulo destinado a descrever a metodologia utilizada.

Ressaltamos, porém, que a Sociolinguística Laboviana não se resume a uma metodologia, mas o que irá nos interessar, para os propósitos do nosso trabalho, neste momento, é a metodologia do autor, já que pretendemos realizar uma análise quantitativa dos dados para compreendermos o fenômeno da redução.

¹Labov(2008) é uma tradução feita de Labov(1972), pelos linguistas Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. Dessa forma, iremos nos referir apenas à tradução.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. Inicialmente apresentamos esta introdução, que forneceu ao leitor as informações centrais sobre o estudo que está sendo realizado, bem como os objetivos, justificativa da pesquisa, delimitação do tema e apresentação das hipóteses.

O primeiro capítulo aborda a fundamentação teórica deste trabalho, fazendo uma retomada do ditongo, mais especificamente do ditongo nasal, no latim, bem como a maneira como ele ocorre no Português Europeu. Ademais, uma revisão da literatura é feita, a fim de explicitar ao leitor os estudos já realizados sobre esse fenômeno no Português Brasileiro, juntamente com a explanação sobre a Teoria da Sílabas, que nos ajudará a analisar fonologicamente o ditongo nasal átono final na cidade de Uberlândia.

No capítulo dois, apresentamos a metodologia utilizada nessa pesquisa, abordando o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, a forma com que a amostra é constituída e como a coleta e a seleção dos dados foram feitas. Tratamos ainda, nesse capítulo, sobre o programa GoldVarb X, com o objetivo de fazer com que o leitor conheça um pouco mais sobre o programa estatístico que foi utilizado na pesquisa. Além disso, tratamos de alguns fatos sobre a cidade de Uberlândia, para que o leitor possa conhecer mais sobre a cidade onde residem nossos informantes.

O terceiro capítulo destina-se à apresentação das variáveis selecionadas para estudo, variável dependente, variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas). O capítulo quatro, por sua vez, explicita a análise dos dados, após a rodagem no programa estatístico e a análise fonológica dos dados, baseada na Teoria da Sílabas. Posteriormente, são apresentadas as considerações finais do presente trabalho, em que retomamos os resultados encontrados para o dialeto uberlandense.

Por fim, apresentamos as referências que nos serviram como embasamento para a pesquisa e encerramos este trabalho com os anexos, que expõem o roteiro utilizado nas entrevistas para a coleta dos dados e os códigos utilizados para cada variável, no processo de codificação e análise estatística desta pesquisa.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na primeira seção deste capítulo, apresentamos as transformações históricas que ocorreram com o ditongo até a forma como ele existe atualmente na língua portuguesa. O objetivo desta empreitada histórica é o de compreendermos o processo diacrônico pelo qual a formação do ditongo passou na língua portuguesa, desde a sua origem no latim até chegar aos moldes atuais. Utilizamos como embasamento teórico as obras de Williams (1961), Silva Neto (1963), Teyssier (2007), Silva (2009) e Hricsina (2013).

A seção 1.2 será destinada ao processo de ditongação nasal no português, em que abordaremos o fenômeno tanto no português do Brasil quanto no português europeu. Esta seção tem como objetivo retratar a ocorrência do ditongo nasal em duas modalidades diferentes do português. Para tanto, buscamos suporte nos estudos de Câmara Jr. ([1970] 2008)², Câmara Jr. (1969), Bisol (1989), Battisti (1997; 2002), Bopp da Silva (2005) e Carvalho (2012).

Para finalizar este capítulo, na seção 1.3, apresentaremos o suporte teórico com base no qual empreenderemos a análise dos nossos dados do ponto de vista puramente fonológico. Serão retomados o modelo teórico de organização da sílaba, por meio de uma estrutura arbórea hierarquizada, conforme proposto por Selkirk (1982) e a descrição de Bisol (1999) para os constituintes silábicos do português brasileiro.

1.1. A formação do ditongo no Latim

As línguas humanas não são realidades estáticas, pelo contrário, “sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo” (Faraco 2005, p.14). Isso significa que as línguas estão em movimento, mas preservam os recursos necessários de seus significados para que seus falantes continuem a estabelecer uma comunicação. Logo, podemos afirmar que a língua portuguesa (doravante LP) sofreu mudanças ao longo do tempo até chegar à forma que utilizamos hoje para nos comunicarmos.

² A data 2008 faz referência a 41ª edição da obra “Estrutura da Língua Portuguesa”, que iremos utilizar nesse trabalho. A data original de publicação dos estudos de Câmara Jr., a saber, é 1970.

O ditongo, como o conhecemos atualmente, segundo a definição linguística, é a sequência de dois segmentos vocálicos ocorrendo em uma mesma sílaba, sendo que um deles é um glide³ e outro é uma vogal plena. Esta sequência vocálica tem sido costumeiramente dividida em ditongos orais ou nasais, no que se refere às características articulatórias dos segmentos que os compõem, e em ditongos crescentes e decrescentes, no que concerne à ordem como se coloca a vogal e o glide internamente à sílaba. Contudo, até que se consolidasse na forma como se encontra hoje no português, esta sequência de segmentos vocálicos na mesma sílaba passou por transformações históricas, o que nos leva a fazer uma retomada desse percurso diacrônico, a fim de conhecer sua origem.

Quando se trata do processo de mudança do latim ao português, no que diz respeito aos ditongos, é necessário voltar à caracterização das vogais faladas naquele período, uma vez que a alternância diacrônica entre ditongos e vogais é documentada em vários compêndios de gramática histórica. O fato mais importante sobre as vogais é o processo de perda das oposições de quantidade entre latim clássico e outras modalidades. Teyssier (2007) registra que o latim clássico⁴, variante do latim usada pelos antigos romanos e empregado pelas pessoas cultas e pela classe dominante (poetas, filósofos, senadores, etc.), possuía no total dez fonemas, sendo estes distribuídos em cinco timbres vocálicos, com uma vogal breve e uma longa para cada timbre.

Porém, no latim imperial, que é caracterizado por mudanças nas rígidas normas do latim clássico devidas à crescente influência do latim falado, houve uma perda das oposições de quantidade, mas as oposições de timbre, resultado dos variados graus de abertura, foram conservadas. Logo, em relação às vogais, são acrescentados os ditongos *æ* e *œ*, que passaram do latim clássico para vogais simples de timbres distintos, no latim imperial, como demonstrado no quadro (1) abaixo:

³ Segmento que apresenta características articulatórias de uma vogal, mas que não pode ocupar a posição de núcleo de uma sílaba. Portanto, um glide não pode receber acento. Outras denominações para glide são semivogal e semiconsoante. Ex.: c[au]sas (SILVA 2011, p.127).

⁴ Definição disponível em: <http://www.soportugues.com.br/secoes/portuguesHistoria.php>

Quadro 1 - Ditongos do latim clássico para o latim imperial

Latim Clássico	Latim Imperial	Exemplos
æ	ɛ ⁵ (e aberto)	<i>caccum</i> > port. Cego
œ	ɛ ⁶ (e fechado)	<i>fædum</i> > port. <i>feo</i> , hoje feio

Fonte: Teyssier (2007, p.10)

Os dois ditongos e as dez vogais presentes no latim clássico foram substituídos por sete vogais no latim imperial, como demonstrado na figura (1) posterior:

Figura 1– Sete vogais do latim imperial

/i//u/	
/ɛ/	/ɔ/
/e/	/o/
/a/	

Fonte: Teyssier (2007, p.10)

O sistema apresentado acima se manteve presente no galego-português medieval, que surgiu após o latim. Ademais, a partir do momento em que tomamos as palavras individualmente, é possível notar que “em posição tônica o timbre das vogais de muitas palavras do galego-português e também do português contemporâneo permaneceu o mesmo do latim imperial” (TEYSSIER, 2007, p. 10).

Tratando especificamente do galego-português, há casos em que a posição é átona final, como em *senten*, *venderan* e *venderon*. Nessas palavras, podemos notar a grafia comum de *-n* ao final, porém, desde o surgimento do galego-português medieval, começaram a aparecer na posição final dessas palavras o *-m*, por exemplo, *cantan* passa a *cantam*, que é a grafia que se generaliza na LP. Palavras como as citadas acima, estão diretamente relacionadas à nossa pesquisa, pois, no português brasileiro, verbos no presente (*cantam*), no pretérito perfeito

⁵ Quadro (1) = /ɛ/ símbolo para indicar quando a vogal /e/ é aberta.

⁶ Quadro (1) = /e/ símbolo para indicar quando a vogal /e/ é fechada.

(*cantaram*) e no pretérito imperfeito (*cantavam*) e outras flexões, apresentam ditongos nasais átonos passíveis de redução.

Segundo Williams (1961), a nasalização da vogal tem sido atribuída pela influência céltica, e foi produzida pelas consoantes nasais tanto em posição inicial, quanto medial e final. Ainda de acordo com este autor, as formas que possuíam uma nasal no fim da palavra dependiam mais da combinação dos sons com os quais havia essa associação da nasal, do que em relação à posição de origem dessa consoante nasal. Isso pode ser evidenciado com os exemplos abaixo, retirados dos estudos de Williams (1961):

Quadro 2 – Nasalização e a nasal resultante

<i>n</i> intervocálico	nasal inicial ou final	nasal resultante
<i>tēnes</i> > <i>tens</i>	<i>nec</i> > <i>ne</i> > <i>nem</i> <i>in</i> > <i>em</i>	<i>ẽ</i>
<i>fīnes</i> > <i>fins</i> <i>canes</i> > <i>cães</i> <i>pōnes</i> > <i>pões</i>	<i>mihī</i> > <i>mi</i> > <i>mim</i> <i>matres</i> > <i>mães</i> <i>*-ūđīnem</i> > <i>*-oen</i> > <i>-õe</i>	<i>ĩ</i> <i>ãe</i> <i>õe</i>
<i>manum</i> > <i>mão</i> <i>uīnum</i> > <i>vinho</i> <i>uenīlis</i> > <i>vindes</i>	<i>uaduni</i> > <i>vão</i> <i>nīdum</i> > <i>ninho</i> <i>multum</i> > <i>multo</i> [<i>mũjntu</i>]	<i>ão</i> [<i>ñ</i>] [<i>n</i>]
<i>benedīcāmus</i> > <i>bengamos</i> (<i>arcaico</i>)	<i>*nec-ūnum</i> > <i>ningum</i> (<i>arcaico</i>)	[<i>ŋ</i>]

Fonte: Williams (1961, p. 108)

Podemos perceber, ao analisar o quadro acima, que as palavras na língua portuguesa detentoras da nasalidade são oriundas de palavras no latim que se associavam a uma consoante nasal. E, de acordo com Williams (1961), a ressonância nasal gerou a ditongação do [ẽ] final, sendo ele tônico ou átono, para [ẽj]: *bene* > *bem* [*bẽj*]; *dēbent* > *devem* [*devẽj*].

Em relação ao *-ão* final encontrado em palavras do português Williams (1961) também trata de sua origem e apresenta um quadro, a fim de explicitar a origem das terminações do português arcaico *-am*, *-om* e *-ão*:

Quadro 3 – Origem das terminações –*am*, –*om* e –*ão* no português arcaico

Latim Clássico	Português Arcaico
- <i>ant</i> (3 ^a pl.) - <i>ānem</i> (acus. sing.)	- <i>am</i>
- <i>ūnt</i> (3 ^a pl.) - <i>ōnem</i> (acus. sing.) * <i>ŭdīnem</i> (acus. sing.)	- <i>om</i>
- <i>ānum</i> (acus. sing.) - <i>adūnt</i> (em <i>uadūnt</i>)	- <i>ão</i>

Fonte: Williams (1961, p. 181)

Ainda no século XIV, próximo à consolidação do português como o idioma que hoje conhecemos, ocorreu uma importante mudança de natureza fonética, a partir da qual surgiram os ditongos nasais, cuja origem adveio do período clássico do latim. Esta mudança se caracteriza pela contração de uma vogal oral com uma vogal nasal, resultando em sequências como, por exemplo, *ā-o*, *ā-e*, e *ō-e*, ou seja, ditongos nasais. Essas contrações foram as responsáveis pelas sequências vocálicas *ão*, *ãe*, *õe*, realizadas foneticamente como [ãũ], [ãỹ], [õỹ], nos ditongos de palavras como *mã- ã > mão*.

Esses ditongos nasais e também as vogais nasais do português resultam de vogais seguidas de consoantes nasais no latim, segundo Silva (2009). E essas consoantes podem estar: (i) em posição implosiva, ou seja, fechando a sílaba (ex.: *dente*); (ii) em posição intervocálica, em que há o desaparecimento da consoante do latim (ex.: *manu > mão*); (iii) em posição implosiva final de palavra, isto é, antes de pausa (lat. *amant* > port. *amam*); e (iv) quando a nasalidade da vogal também pode resultar da contiguidade da consoante nasal que inicia a sílaba seguinte, como em *balneum > banho*. Na LP, a nasalização da vogal precedente é resultado da presença de uma nasal heterossilábica, ou seja, quando a consoante nasal também inicia a sílaba seguinte, como vimos nas palavras supracitadas (*chama* que no latim era *flamma*).

No português arcaico, em posição final de vocábulo, as vogais e ditongos nasais, de acordo com Silva (2009), são o resultado da apócope da nasal etimológica que fecha a sílaba e nasaliza a vogal que a precede, como em: *coratione > coraçon* [õ], *amant > aman* [a]. É

possível notar esse mesmo processo da nasal fechando a sílaba em elementos gramaticais do português, por exemplo, *em* e *com* no antecedente latino *in* e *cum*.

Os ditongos nasais finais, do tipo: *mão*, *mãos* (lat. *manu* – *manos*), *corações* (lat. *corationes*), *cães* (lat. *canes*) se formaram de duas formas no português arcaico, como afirma Hricsina (2013), a primeira pela queda do *n* intervocálico. Esse processo de queda ocorre, historicamente, após a ditongação do hiato, que corresponde à passagem de um hiato, ou de uma vogal, a um ditongo (*malo* > *mao* > *mau* / *arena* > *area* > *areia*). Dessa forma, essa queda do –*n*– colocou as vogais que estavam em sílabas diferentes em contato, logo, esses hiatos mencionados são desfeitos no período arcaico, para dar origem aos ditongos nasais. A segunda forma está relacionada à ditongação das vogais nasais finais em nomes e verbos e pela sua convergência para o ditongo universal /ẽũ/: *coração* /koratsõ/ > /koratsẽũ/, *cão* /kẽũ/, *amam* /amẽ/ > /amẽũ/.

Essa convergência de várias vogais nasais para o ditongo nasal era frequente no português de Lisboa no século XVI, porém o ditongo nasal não se expandiu por toda a nação portuguesa. Esse processo possui explicações de vários estudiosos da língua, mas uma das explicações apresentava que, pelo fato do ditongo /ẽũ/ < -*anu* ser o mais frequente no português arcaico, os outros ditongos ou vogais nasais começaram a ser pronunciados da mesma maneira por analogia. Porém, essa explicação não abrange a ditongação do /ẽ/ final. Logo, há a necessidade de uma reformulação:

no português antigo, os ditongos e vogais nasais finais não eram nasais puras, senão sequências duma vogal e um glide nasal que se tornou semivogal –one, -unt, -ane, -ant>/ẽũ/. A desvantagem evidente desta teoria é o fato de ela não explicar de maneira convincente a passagem da vogal /o/ nas sequências –one e –unt em /ẽ/. O fenômeno pode ser explicado também pela oscilação entre as vogais /õ/ a /ẽ/ - o pretérito perfeito simples – amarom (<amaverunt) / o mais-que-perfeito simples – amaram (<amaverant) (HRICSINA, 2013, p. 220).

Mesmo com essa reformulação da teoria sobre os ditongos e vogais nasais finais, uma nova análise (MARTINS, 1964 *apud* HRICSINA, 2013) veio à tona, após a comparação da evolução dessas sequências (de uma vogal e um glide nasal que se tornou semivogal), no português padrão, bem como em outros dialetos. Dessa forma, a conclusão que a autora chegou foi de que há uma correspondência entre a tonicidade e a ditongação nesses casos. “Quando as vogais ou ditongos finais são tônicos, a sílaba prolonga-se e, conseqüentemente,

as sequências finais ditongam” (MARTINS, 1964 *apud* HRICSINA, 2013, p. 220). Essa conclusão retoma a importância da tonicidade em nossos estudos, uma vez que o fato do ditongo em estudo ser átono é o que gera a possibilidade de redução, ou seja, as sequências finais nem sempre irão se ditongar.

A partir da segunda metade do século XV, verificou-se que essas sílabas finais já tinham se tornado idênticas, isto é, já havia se tornado *-ão*. Essa fusão provavelmente teria ocorrido já no início do século XIII, uma vez que as palavras terminadas em *-am* eram bastante pronunciadas como *-ão*. Porém, ainda não havia evidências de que *-om* estava inserido nessa fusão.

Segundo Williams (1961), o constante uso da grafia *vão* nos documentos medievais, contrastando com as grafias *dam*, *ham*, *vaam* (subjuntivo) e *som*, evidencia que *vão* é oriundo de *uadunt*, forma esta que se configura como exceção, já que a terminação *-unt* no presente do indicativo desapareceu na Península Ibérica. De acordo com o autor supracitado, é provável que *-ão* tenha se tornado a terminação da terceira pessoa do plural que originalmente terminava em *-am* e *-om*, por analogia a *vão*.

Dessa forma, essa modificação que ocorreu nos verbos mais tarde se espalhou também para as terminações nominais *-am* e *-om*, assim, palavras como *cam* e *visom* se transformaram em *cão* e *visão*. Porém, percebe-se que no plural essa analogia não ocorreu, por exemplo, em *mãos*, *cães* e *visões*.

Os fatos que se referem às nasais, como afirma Silva Neto (1963), não se resumem apenas aos ditongos tônicos. De acordo com este autor, “na linguagem popular e regional de todo o país, perde-se a nasalidade final em palavras átonas: *virgem* (*virgẽ ou virgẽi*) pronuncia-se *virge*, *homem* (*homẽ ou homẽi*) pronuncia-se *home*” (SILVA NETO, 1963, p. 188). Assim como o ditongo final *-ão* que também perde a nasalidade e é reduzido a *o*, como em *quiseram* ~ [kizero], *foram* ~ [foro].

De acordo com Silva Neto (1963, p. 188), “estamos diante do desenvolvimento e da generalização de fatos muito conhecidos nos dialetos portugueses”, como é o caso da nossa pesquisa, já que, como afirmou o autor supracitado, essa variação existe há anos na LP. Logo,

nosso trabalho, ao buscar compreender em quais contextos essa variação ocorre e quais as questões fonológicas que a envolvem, poderá contribuir significativamente para os estudos linguísticos.

Nota-se, portanto, que ocorreu uma mudança do latim ao galego-português (língua originária do proto-romance), em relação às vogais e ditongos, que foram substituídos por sete vogais no latim imperial, as quais sofreram depois um processo de ditongação. Ademais, desde o surgimento do galego-português medieval, começou a aparecer na posição átona final a consoante *-m*, que é a grafia que se generaliza no português. Dessa forma, as palavras na LP que possuem ditongos nasais são oriundas de palavras do latim que se associavam a uma consoante nasal.

Conclui-se que a presença do [ẽ] final, segundo Williams (1961), foi gerada pela ressonância nasal e, em relação ao ditongo *-ão* final, este teve origem em algumas terminações do latim clássico, que se transformaram no português arcaico em: *-am*, *-om* e *-ão*. O quadro posterior, adaptado de Williams (1961), busca apresentar um resumo dessas mudanças:

Quadro 4 – Mudanças da ditongação do latim clássico para o português arcaico

Latim Clássico	Português Arcaico
- <i>ant</i> (3ª pl.) - <i>ānem</i> (acus. sing.)	- <i>am</i>
- <i>ũnt</i> (3ª pl.) - <i>ōnem</i> (acus. sing.) * <i>ũdīnem</i> (acus. sing.)	- <i>om</i>
- <i>ānum</i> (acus. sing.) - <i>adũnt</i> (em <i>uadũnt</i>)	- <i>ão</i>
<i>tēnes</i> > <i>tens</i> (n intervocálico) <i>nec</i> > <i>ne</i> > <i>nem</i> <i>in</i> > <i>em</i> (nasal inicial ou final)	ẽ (nasal resultante)

Fonte: Williams (1961, p. 181)⁷

⁷O quadro foi adaptado pela autora.

Portanto, embora não haja uma sequência explicitamente linear sobre a formação dos ditongos nasais, existem pistas que nos permitem, com base nos estudos históricos, compreender um pouco mais sobre a língua que hoje falamos e afirmar que essas variantes do ditongo nasal-possíveis de serem verificadas sincronicamente, em palavras como *homem* ~ *homi* - são um caso de variação presente na língua há muitos séculos, e tais alternâncias podem ser o resultado de vários e distintos processos de mudança que ocorreram na língua. Sendo assim, este foi o principal motivo de termos dedicado esta seção aos aspectos diacrônicos do ditongo nasal.

1.2. O processo de ditongação nasal no Português

Os ditongos nasais, herança do latim, também permanecem no Português Europeu (PE), assim como no Português Brasileiro (PB). À vista disso, apresentaremos diferentes propostas de análise sobre o ditongo nasal com base nessa variedade da LP que, mesmo possuindo a mesma origem, podem possuir características distintas, mas se assemelhar no que diz respeito às representações da ditongação. Dessa forma, faremos uma retomada sobre o ditongo no PE, primeiramente, mostrando as características do ditongo de maneira geral; depois, abordaremos especificamente o ditongo nasal e, posteriormente, apresentaremos estudos realizados sobre o ditongo nasal no PB⁸.

No PB e o PE, no que diz respeito às representações da ditongação, pode haver mais semelhanças do que diferenças, que de fato é o que consideramos de maior relevância para nosso estudo, ou seja, a referência aos ditongos. Na LP, os ditongos nunca podem contrastar fonologicamente com sequências de duas vogais, como em ([páj] vs. [pai]), logo, podemos afirmar que os ditongos são estruturas fonéticas e que isso justifica o fato de os glides não estarem presentes no inventário fonológico desta língua.

De acordo com os estudos de Carvalho (2012), em testes nos quais foi pedido aos falantes do português que fizessem a translineação⁹ de palavras com estruturas como: [ˈvjɛʃ] *viés*; [vjazÉ]

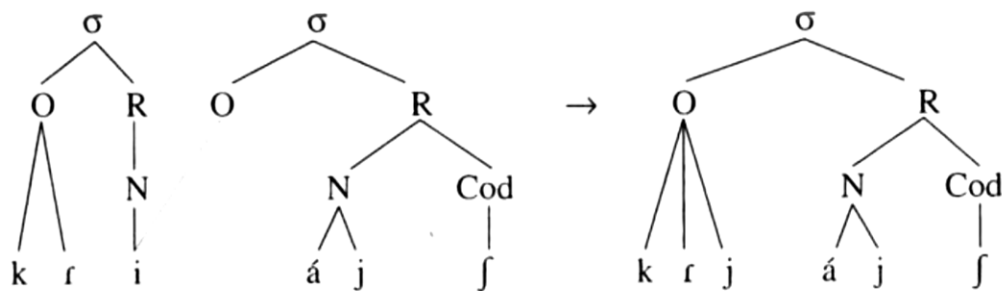
⁸ Utilizaremos a partir desse momento PB para Português Brasileiro e PE para Português Europeu.

⁹Entende-se por *translineação* a mudança de linha na hora da escrita de uma determinada palavra, sendo necessário, portanto, a separação de determinadas sílabas.

viagem, já que nesse caso há uma alternância entre vogal e glide, obteve-se como resultado a possibilidade de haver duas divisões silábicas para uma mesma palavra: [ˈvjɛʃ] ou [vjˈɛʃ].

Essa alternância entre vogal e glide sugere que há uma vogal fonológica no nível subjacente, que se apresenta como glide, após passar por um processo como o da própria silabificação. Alguns autores, como Mateus e Andrade (2002 *apud* CARVALHO, 2012), também defendem que a semivogal é uma vogal e ocupa o núcleo de uma sílaba, no nível fonológico. Porém, quando essa vogal se encontra no nível fonético – da fala –, ela passa a ocupar a posição de ataque vazio, deixando, então, a sua posição de núcleo. Dessa forma, ela perde o seu traço silábico e transforma-se em um glide, como apresentado abaixo na palavra *criais*:

Figura 2–Formação do glide a partir da palavra *criais*



Fonte: Mateus e Andrade (2000, p. 51 *apud* CARVALHO, 2012 p. 17)

Outro ponto importante é o argumento de Freitas e Santos (2001 *apud* CARVALHO, 2012) de que, quando o glide ocorre antes de vogal ou ditongo nasal, ele não será nasalizado. Um exemplo é [pjãw] *pião*, no qual os glides que irão nasalizar são os que fazem parte de ditongos decrescentes, conseqüentemente, que fazem parte da rima, como em *órgão*.

Segundo Carvalho (2012), os ditongos nasais possuem características, como: (i) os glides são antecidos pelas vogais [a] ou [o]; (ii) são, na sua maioria, rimas pesadas, ou seja, portadores de acento e ocupam a posição pós-tônica final; (iii) são ditongos decrescentes que comportam o traço nasal; e (iv) são antecidos por ataques simples. Essas características podem ser exemplificadas no quadro abaixo:

Quadro 5 – Exemplos de ditongos nasais no Português Europeu (PE)

Grupo X	
pão['pãu]	mãe ['mãj]
irmão[ir'mãu]	põe ['põj]
ladrão[la'drãu]	sótão ['sotãu]
mão['mãu]	falam ['falãu]

Fonte: Carvalho (2012, p. 25)

A autora ainda separa os ditongos em *ditongos nasais lexicais* e *ditongos nasais pós-lexicais*, e afirma que a partir de um ditongo nasal no singular é possível que se forme um ditongo nasal no plural com terminações em [õj] ou [ãj]. Dessa forma, utiliza a análise de Bisol (1999) feita para o PB quando observa que, na forma singular de ditongos como *pão* e *cão*, por exemplo, a raiz das palavras possui duas vogais temáticas /a/ e /o/, as quais são acompanhadas por um autossegmento¹⁰ nasal, que dá origem ao ditongo nasal. Logo, por possuírem essas características, o ditongo nasal é determinado na Teoria da Fonologia Lexical como ditongo lexical, pois é gerado no léxico e atrai o acento para o final da sílaba.

Já no plural, a terminação [õj] ocorre porque no singular a raiz destes nomes é formada pela vogal temática /o/ mais o autossegmento nasal, como em *põe* ['põj]. E o plural [ãj] é formado em virtude da vogal temática /a/ mais o autossegmento nasal, como em *mãe* ['mãj]. Isso ocorre, pois, segundo Mateus e Andrade (2000 *apud* CARVALHO, 2012), quando o sufixo -s do plural é acrescentado à coda, o autossegmento nasal é projetado sobre o núcleo da sílaba acentuada, formando o plural. Ademais, quando a sílaba nasal é acentuada, ela tem tendência a se ramificar, surgindo, então, um glide no seu núcleo.

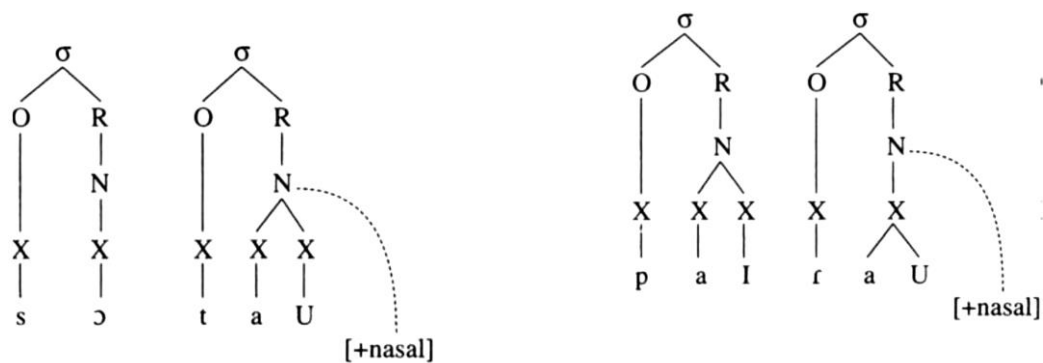
Há também no PE os ditongos nasais pós-lexicais, que são caracterizados por não possuírem vogal temática e pelo fato de a nasalização ocorrer no interior da palavra, o que também é percebido no PB, em palavras como: *homem*['õmãj], *falam*['falãu] e *prendem* ['predÉj]. Nestas palavras, como não possuem vogal temática, o acento vai para a penúltima sílaba e a última

¹⁰O segmento considerado autônomo, ou seja, ele persiste na estrutura mesmo que o segmento ao qual ele esteja associado se apague, como a nasal /N/, por exemplo.

permanece átona. Dessa forma, o glide que surge nesse caso é denominado epentético, segundo Mateus e Andrade (2000 *apud* CARVALHO, 2012), pois não aparece no nível lexical, logo, ele surge após o processo de ditongação, tornando-se pós-lexical.

Para exemplificar o que ocorre com os ditongos nasais lexicais e pós-lexicais, apresentamos abaixo a representação de Mateus e Andrade (2000 *apud* CARVALHO, 2012) para as palavras *sótão*['sotãu] e *pairam*['pajrãu]:

Figura 3 – Representação das palavras *sótão* e *pairam*



Fonte: Mateus e Andrade (2000 *apud* CARVALHO, 2012)

Observando as representações acima, é possível verificarmos que os ditongos lexicais, no caso da palavra *sótão*, por serem denominados ditongos pesados (ocupam duas camadas na estrutura arbórea), ocupam duas posições no núcleo. Já os ditongos pós-lexicais, denominados também de ditongos leves, como na palavra *pairam*, ocupam apenas uma posição no núcleo da estrutura, o que explicaria também a variação que esse ditongo possui na fala das pessoas, assim como ocorre no PB, fenômeno que está sendo estudado nesta pesquisa.

No caso dos ditongos leves, também conhecidos como ditongos decrescentes, eles são criados no “tier” melódico¹¹ por processos assimilatórios e, na maioria das vezes, é um ditongo basicamente fonético, como em: *imagem* [i'mazẽy] ~ [i'mazi]. Há alguns casos em que ocorre variação, como antes de consoante palatal, em que o glide pode ser apagado ou acrescido, não

¹¹ No nível da fala, do segmento.

alterando o sentido da palavra: *peixe* ['peyʃi - 'peʃi] e *faxina* [fa'ʃina - fay'ʃina]. Logo, o que distingue esses ditongos diz respeito ao seu *status* no sistema, uma vez que os ditongos pesados apresentam caráter fonológico no sistema, pois contrastam com vogal simples, já os ditongos leves não apresentam esse contraste, portanto, não possuem relevância fonológica. Como afirma Bisol (1989), esse processo ocorre, pois todo ditongo, quando é seguido por uma palatal, possui apenas uma vogal na estrutura subjacente, logo, cria-se o glide por um processo assimilatório que consiste no espraçamento do traço alto da palatal.

Os estudos de Câmara Jr. (2008) também contribuíram bastante para o conhecimento acerca dos ditongos. Segundo este autor, o elemento nasal consonântico pós-vocálico diante de pausa /eN/ costuma ser interpretado como uma ditongação, entendido como um ditongo nasal, ([bẽĩ]). Ademais, de acordo com este estudioso da língua, as vogais nasais não existem, o que ele afirmava ser um problema em português, uma vez que seu ponto de vista ainda não era muito bem aceito na época, mas é o que utilizamos atualmente para compreender essas ocorrências. Para esse autor, a vogal nasal seria entendida como um grupo de dois fonemas, que se combinam como vogal e elemento nasal na sílaba. Logo, a nasalidade das vogais do português resulta do contato da vogal com uma consoante nasal adjacente. Dessa forma, ele parte da ideia de que o arquifonema nasal /N/ é o fato estrutural básico, que acarreta, como traço acompanhante, a ressonância nasal da vogal, por exemplo nas palavras *canto* e *manta*, em que a vogal *a* demonstra estar nasalizada pela presença do arquifonema nasal, isto é, o segmento nasal próximo à vogal gera a nasalidade. Câmara Jr. (2008) afirma ainda que:

O único argumento contra a existência fonética da consoante nasal e a consequência da presença fonológica de um arquifonema nasal /N/, a rigor, é que na vogal nasal portuguesa nós sentimos a nasalidade que envolve a vogal e não sentimos o elemento consonântico pós-vocálico imediatamente seguinte. É um argumento de ordem psicológica e não estrutural. Ora, a linguística moderna, e dentro dela a fonêmica ou fonologia, põe de lado essa espécie de fundamentação, que faz apelo ao sentimento do falante. (CÂMARA JR., 2008, p. 59).

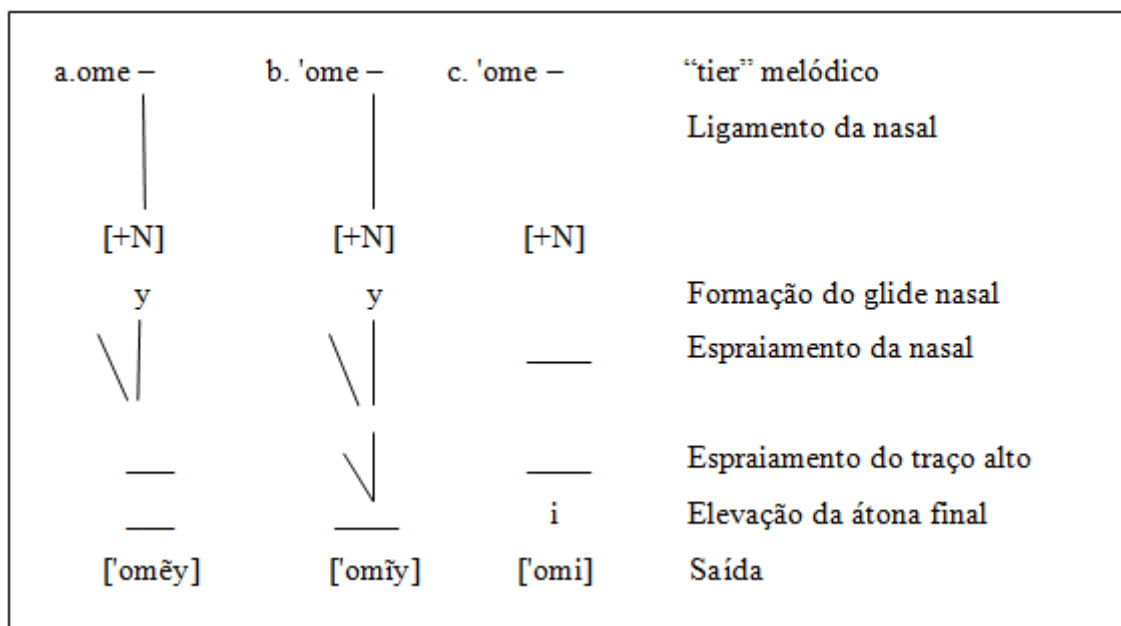
O autor reforça o fato de que a nasalidade pura da vogal é inexistente até fonologicamente, isto é, ela sempre virá acompanhada de um arquifonema nasal, uma vez que não há possibilidade de se criar oposição em português “entre vogal pura envolvida de nasalidade e vogal seguida de consoante nasal posvocálica” (CÂMARA JR., 2008, p.59). Em decorrência dessas afirmações, segue-se a ideia de existência de um arquifonema nasal /N/, como “fato estrutural

básico, que acarreta, como traço acompanhante, a ressonância nasal da vogal” (CÂMARA JR., 2008, p.59).

Bisol (1989) considera ainda que existam dois processos de nasalização, o primeiro em relação ao processo de assimilação, em que /N/ se expande para a vogal e adquire os traços articulatorios da consoante seguinte ou da vogal por ele nasalizada¹². Já o segundo processo diz respeito à questão de estabilidade, em que há a associação da rima a uma nasal flutuante e estável, que não recebe traços articulatorios.

Neste mesmo trabalho, Bisol considera ainda que todos os ditongos são derivados, menos os que ocorrem em interior de palavra como em *muíto* e *câimbra*, por exemplo. Apresentaremos abaixo a representação de Bisol (1989, p.206) sobre as variantes do ditongo que não possuem vogal temática, como é o caso da palavra *homem*:

Figura 4 – Representação das variantes do ditongo *homem*



Fonte: Bisol (1989, p. 206)

A partir da representação acima, podemos compreender o processo que ocorre quando há formação do ditongo. Primeiro, há o ligamento da nasal, depois em casos como ['omẽy] e ['omĩy], forma-se o glide nasal, e posteriormente ocorre o espraiamento da nasal, ou seja, o

¹² Isso também foi apresentado nos estudos de Carvalho (2012) sobre o PE, uma vez que também possui ditongos pós-lexicais, e teve como embasamento a representação de Bisol.

traço da nasal “passa” para o segmento seguinte. Quando o ditongo não é reduzido ([‘omẽy]), não ocorre espraçamento do traço alto, apenas em [‘omĩy], já que nesse caso a vogal é alçada. E, no caso do ditongo reduzido, há ainda a elevação da átona final, gerando a variação [‘omi].

De acordo com Bisol (1989), nomes que terminam com nasal podem ser distribuídos de duas maneiras: aqueles que se apresentam com marcador de classe¹³ e os que não possuem marcador de classe. Em nomes com terminação /eN/ sem marcador de classe, a vogal do radical apresenta-se variável (*e, i* ou é omitida). Nesses casos, como afirma Bisol (1989), o glide de palavras como *irmão* é sempre mantido, ao contrário de palavras como *homem*. Isso ocorre em virtude do fato de, no último caso, a palavra possuir apenas uma posição no “tier”, como verificamos na Figura (3), com a representação da palavra *pairam*, a qual ocupa apenas uma posição no núcleo da estrutura silábica, enquanto a primeira palavra possui duas posições e não gera um processo variável.

Para Bisol (1989), há motivação estrutural para a variante com apenas uma vogal nessa categoria de palavras sem marcador de classe (*homem, viagem, garagem...*), e essa variante ocorre tanto na fala popular quanto em uma fala considerada padrão (seguindo a norma culta). A autora ainda ressalta que algumas dessas palavras já estão presentes no dicionário como formas “aceitáveis”.

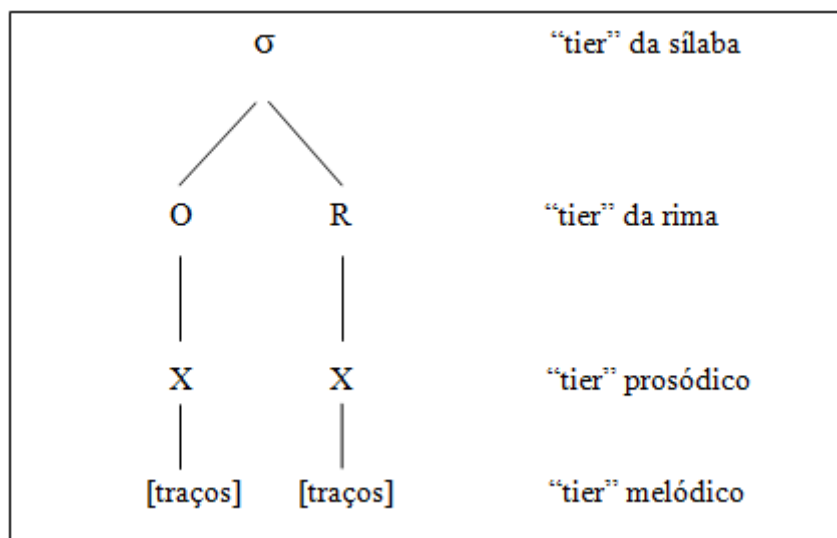
Podemos afirmar que o fato de o glide ser mantido em palavras como *irmão* também possui relação com o condicionamento prosódico, como afirmou Battisti (1997), pois é a atonicidade da sílaba, como em *homem*, que desencadeia a realização variável de vogal simples. E essa questão prosódica está relacionada ao foco desta pesquisa, uma vez que o fato de a redução estar sendo observada apenas em contexto átono é o que cria possibilidade de variação.

Bisol (1989) utiliza a Teoria da Sílaba¹⁴ para apresentar uma proposta de representação dos ditongos do PB. Segundo a autora, a sílaba “é tomada como um objeto multidimensional de sequência de segmentos, cujos constituintes são organizados hierarquicamente.” (BISOL, 1989, p. 186). Em seguida, apresentamos o esquema de representação da sílaba:

¹³Palavras que possuem Marcador de Classe são aquelas que possuem vogal temática acrescida na derivação. Ex: *irmão, órfão*.

¹⁴ A Teoria da Sílaba será tratada de maneira detalhada na próxima seção.

Figura 5– Representação da sílaba



Fonte: Bisol (1989, p. 186)

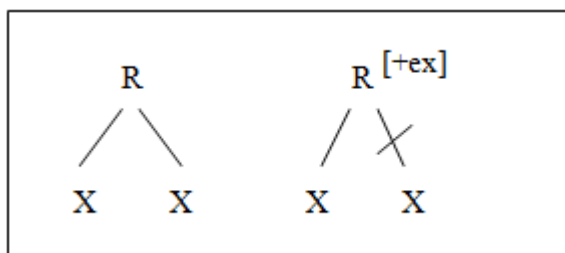
Na representação anterior, o σ indica o nó silábico, O significa o onset, o R a rima e X representa cada espaço de tempo correspondente a estes elementos. Logo após, há uma matriz de traços entre colchetes. Ressaltamos aqui que a utilização da proposta de Bisol (1989) para a representação dos ditongos implica o fato de que, a partir disso, ela faz uma análise dos ditongos nasais, sendo o que nos interessa, pois estamos tratando especificamente do fenômeno da nasalidade.

Bisol (1989), ao tratar da nasalidade, aborda também a questão da vogal final, foco desta pesquisa, por se dedicar ao ditongo formado em final de vocábulo (*viagem* ou *órgão*), vogal nasal que aparece juntamente com um glide homorgânico¹⁵ em fim de vocábulo. Isso demonstra que nessa posição há um ditongo leve, o qual alterna com uma vogal só em palavras com mais de uma sílaba. Trata-se, nesse caso, do ditongo nasal [ẽy] que, segundo Câmara Jr. (1970), é passível de redução (*homem, jovem, coragem* etc).

¹⁵“Segmento que apresenta ponto de articulação semelhante a outro, geralmente em decorrência de ajuste fonético.” (SILVA, 2011, p. 134)

Há ainda os ditongos nasais como *órgão*, palavra esta marcada por extrametricidade¹⁶. Nesse caso, o marcador de classe é incorporado no *tier* prosódico, o que é comum quando a extrametricidade ocorre em palavras de terminação nasal. A representação do ditongo é feita a seguir, retirada de Bisol (1989, p. 207):

Figura 6 – Representação do ditongo



Fonte: Bisol (1989, p. 207)

O fato de essas palavras se diferenciarem na derivação, o que gera a distinção nos dialetos populares do PB, está na tendência de reinterpretar itens com ditongo [ãũ] não acentuado como se fossem /oN/. Desse modo, o autosegmento nasal não é absorvido e a vogal simples se manifesta, gerando a redução das palavras: [ɔrfãũ] ~ [ɔrfu] / [ɔrgãũ] ~ [ɔrgu].

Em suma, Bisol (1989) afirma que se propôs a estudar os ditongos nasais em relação à presença ou à ausência de marcador de classe nas formas subjacentes dos itens lexicais. A autora sugere, portanto, que o verdadeiro ditongo nasal ocorre em palavras com marcador de classe, já que nesse caso os ditongos ocupam duas posições no esqueleto prosódico, enquanto a variante de uma só vogal é permitida em segmentos sem marcadores de classe, como nos ditongos que possuem rima de apenas uma vogal e são passíveis de redução, o que pode ser observado tanto no PE quanto no PB.

Nesta seção, buscamos apresentar alguns estudos como o de Carvalho (2012), Bisol(1989) e Câmara Jr. (1970) acerca dos ditongos no português, para compreendermos melhor o *status* desse encontro vocálico do ponto de vista da descrição fonológica. Na seção seguinte, trataremos dos ditongos nasais na perspectiva da variação.

¹⁶A extrametricidade é um recurso para explicar por que em algumas línguas o acento não cai na última sílaba, mas na penúltima ou antepenúltima. “Elementos extramétricos, geralmente, ocorrem nas bordas das palavras.” (SILVA, 2011, p.106)

1.3. A redução dos ditongos nasais átonos finais

O fenômeno da redução do ditongo nasal átono final já foi estudado na região Sul do País¹⁷ por duas pesquisadoras, Battisti (1997; 2002) e Bopp da Silva (2005), que desenvolveram investigações a fim de verificar o perfil variável da redução dos ditongos nasais naquela região. Apresentaremos, portanto, nesta seção, as principais informações e conclusões a que essas autoras chegaram, pois contribuíram com o desenvolvimento da nossa pesquisa, já que tratamos do mesmo fenômeno, porém com dados de uma região diferente.

De acordo com Battisti (2002), ditongos nasais átonos como *-ão* (*órgão*, *falaram*) e *-em* (*homem*, *ontem*) possuem uma realização variável no PB, ora sem qualquer nasalidade (*órgu*, *falaru*, *homi*, *onti*), ora mantendo a nasalidade (*falaram*, *homem*), mas em alguns casos com a vogal-núcleo alçada (*falarum*, *homim*). Segundo a autora, a redução origina um quadro de alterações intrigante, pois esses mesmos ditongos, quando tônicos, não sofrem variação (*irmão*). Dessa forma, é possível afirmar que se a sílaba em que o ditongo se encontra for átona, existe, então, contexto para o fenômeno variável, cuja ocorrência está condicionada tanto por fatores extralinguísticos quanto linguísticos.

Ainda segundo Battisti (2002), além do entorno (ambiente fonológico precedente e seguinte ao ditongo), têm concorrido para desencadear o processo fatores como a localização geográfica dos falantes, fato atestado pelos registros históricos de diferenças dialetais, e o caráter mais popular da língua, aquele que o latim efetivamente falado, distante da norma, apresentava.

Os estudos de Battisti (1997) também se concentraram na redução dos ditongos nasais átonos. Em seu trabalho, a autora trata da análise de três fenômenos envolvidos na nasalização: o primeiro diz respeito à assimilação de ponto nasal-oclusiva, o segundo consiste no surgimento do ditongo *-ão* e o terceiro, por sua vez, refere-se à redução dos ditongos nasais átonos. Porém, vamos nos ater aqui apenas sobre as hipóteses e conclusões elencadas por Battisti (1997) no que concerne aos ditongos nasais átonos.

¹⁷ Importante ressaltar que estudos sobre a variação do ditongo nasal átono final não se resumem apenas à região Sul do país.

Segundo a autora, embora os linguistas tenham se esforçado bastante para analisar as ocorrências dos ditongos nasais, pouca ou nenhuma atenção é dada à redução dessa sequência vocálica quando em posição átona. Por isso, há necessidade de mais estudos fonológicos nessa área. Em sua tese, para analisar esse fenômeno, Battisti (1997) afirma que a motivação para que a redução aconteça é prosódica e deve-se ao fato de não receberem acento, portanto trataria de uma sílaba pesada sem proeminência. Ademais, seguindo a ideia de encurtamento iâmbico¹⁸ do latim, a redução em palavras da LP estaria relacionada “ao esforço da gramática de fala popular em formar pés bimoraicos.” (BATTISTI, 1997, p.158). A constituição de pés bimoraicos resultaria na tendência da língua a se regularizar em um ritmo que exclua sílabas finais com mais de um elemento na rima. Por esta razão, palavras como “foram” e “viagem” se realizariam como “foru” e “viagi”, respectivamente. Desse modo, surgem pés binários – bimoraicos - com apenas um elemento na rima de cada sílaba, contando da direita para a esquerda, ou seja, “(fo.ru)” e “vi.(a.gi)”.

A autora afirma que, no caso de um ditongo reduzido, não há resquícios da consoante nasal subjacente:

a sílaba final, nesse caso, não é apenas ‘tratada’ como leve em português, sem perder conteúdo segmental. É leve porque tanto a mora¹⁹ como a consoante subjacente não se realizam, em superfície, na forma considerada ótima pela gramática da fala popular (BATTISTI, 1997, p.153).

A partir das hipóteses elencadas, a autora conclui que: (i) a redução dos ditongos nasais átonos foi confirmada como resultado de condicionamento prosódico, pois é a atonicidade da sílaba que desencadeia a realização variável da vogal nos ditongos; (ii) o ditongo nasal, quando se reduz, representa realmente a busca por pés bimoraicos.

De posse dos resultados do trabalho de Battisti, especialmente no que diz respeito ao condicionamento prosódico, acreditamos que, também na cidade de Uberlândia, o ditongo,

¹⁸ “O termo encurtamento se refere exclusivamente a peso silábico e implica a não-encansão de uma das moras (ver definição em 12) de vogais longas e da mora de consoantes na coda de sílabas fechadas, isso porque pés trimoraicos são menos ótimos que pés bimoraicos” (MESTER, 1993 *apud* BATTISTI, 1997, p. 153).

¹⁹ “Unidade relacionada com a duração de segmentos. É uma unidade maior que o segmento, mas, geralmente, menor que uma sílaba. Os ditongos pesados contêm duas moras, enquanto os ditongos leves contêm uma única mora” (SILVA, 2011, p.153).

quando acentuado, não será passível de redução, o que certamente só poderá ser atestado após a análise que empreenderemos.

Outro trabalho importante para pesquisas com ditongos nasais átonos é o de Battisti (2002), que desenvolveu um estudo variacionista acerca deste tema. Neste estudo, concluiu-se que a regra de redução dos ditongos nasais átonos finais já permanece estável no sistema, uma vez que a eliminação da nasalidade em contexto final átono já era registrada nos primeiros documentos escritos em LP e descrita em tratados posteriores sobre a mudança da língua, como constatado em suas investigações. Desde o início do desenvolvimento do português, já existiam formas alternativas de se pronunciarem ditongos nasais, como *garage/garagem*, situação que persiste até os dias atuais.

Nos estudos variacionistas de Battisti (2002), foi analisada a fala de noventa informantes do Banco de Dados VARSUL²⁰, da região Sul do Brasil. As variáveis da pesquisa de Battisti (2002) foram divididas em extralinguísticas (localização geográfica, escolaridade e sexo) e linguísticas (contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, vogal do ditongo e classe de palavra).

Após as variáveis serem escolhidas, Battisti (2002) elencou as seguintes hipóteses: (i) independentemente de idade, a redução dos ditongos nasais átonos ocorre na fala do sul do Brasil previsivelmente nos grupos de falantes com menor grau de escolaridade e em certos ambientes fonológicos, precedentes e seguintes, como se tem verificado ao longo da história do português; (ii) o grau de aplicação da regra de redução é distinto nas comunidades linguísticas das diferentes regiões do sul do Brasil; (iii) um menor grau de escolarização dos sujeitos pode estar relacionado a maiores índices de redução dos ditongos nasais átonos; (iv) a diferença de papéis que desempenham e de grupos sociais com que convivem pode determinar comportamentos distintos para homens e mulheres quanto ao emprego das variáveis.

A autora chegou às seguintes conclusões: quando se trata de aspectos linguísticos e sociais, a redução variável dos ditongos nasais átonos “(...)é favorecida pela atuação conjunta de

²⁰Varição Linguística na Região Sul do Brasil, possuindo como objetivo geral descrever o português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil. Esse banco de dados conta com a parceria de quatro universidades: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná.

falantes catarinenses, nomes, mais palavra seguinte iniciada por vogal” (BATTISTI, 2002, p.201). E o caso em que a redução não ocorre, “(...) conjuga a atuação de falantes paranaenses, verbos, vogal precedente, mais palavra seguinte iniciada por consoante ou pausa”. (BATTISTI, 2002, p.201).

Entre as variáveis linguísticas, *Classe de palavra* foi considerada a mais significativa em seu trabalho, sendo que o fator *substantivo (em –gem)*, apresentou o maior peso relativo (0,77), o que confirma a tendência do português brasileiro de eliminar o ditongo nessa terminação. O fator *Verbo* reuniu 90% dos dados, o que gerou um desmembramento em *Forma Verbal no Pretérito (faziam)* e *Forma Verbal em não-pretérito (fazem)*, mas ainda assim os *nomes* sofreram maior número de redução. A variável *Contexto fonológico precedente* não apresentou fator cujo peso relativo o destacasse à condição de forte condicionador da regra de redução.

Para a variável *Contexto fonológico seguinte*, é o fato de a palavra seguinte iniciar com uma vogal que favorece a aplicação da regra (*homem amigo*), com peso relativo de 0,60. Das três variáveis extralinguísticas selecionadas, *Localização geográfica* mostrou-se a mais significativa, apontando 0,68 de peso relativo para a região de Santa Catarina, ou seja, há uma maior aplicação da regra de redução dos ditongos nasais nessa região. Já a variável *Escolaridade* foi selecionada pelo programa, porém apresentou pesos relativos próximos ao ponto neutro, porém quando considerados em conjunto, o maior valor para peso relativo 0,54 é o do grupo com menor grau de escolaridade, o que confirma uma das hipóteses iniciais de Battisti (2002), quanto maior o grau de escolaridade dos indivíduos, menor será a aplicação da regra de redução. Já a variável *Sexo*, atribuiu papel neutro no condicionamento da regra de redução.

A autora conclui seu estudo sugerindo, ainda, uma pesquisa futura sobre o papel da vogal no contexto fonológico seguinte, com a oposição entre vogais seguintes tônicas a átonas. E conclui, afirmando que essa e outras investigações futuras talvez esclareçam ainda mais a redução dos ditongos nasais átonos, uma regra que tem permanecido variável ao longo da história da língua.

No estado do Rio Grande do Sul, foi realizado outro estudo, de Bopp da Silva (2005) que, assim como Battisti (2002), teve como objetivo traçar o perfil da redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo, porém com a especificidade de analisar esse fenômeno entre falantes bilíngues e monolíngues. A autora utilizou uma amostra de 24 informantes do banco de dados VARSUL, dessas 24 entrevistas, 12 eram de informantes oriundos da capital, Porto Alegre, representando os monolíngues, e as outras 12 de informantes de Panambi, representando os bilíngues português-alemão.

Bopp da Silva (2005) estabeleceu como variável dependente de sua pesquisa a redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo. Porém, palavras em que há redução da nasalidade podem apresentar as seguintes alternâncias, (*falaram ~ falaru/ viagem ~ viagi*), assim como determinamos em nossa pesquisa, com a diferença que também incluímos (a fim de analisar fonologicamente), as variantes *[viaʒ]* e *[viaʒim]*.

A autora elenca ainda algumas hipóteses em seu estudo: (i) os falantes bilíngues tendem a preservar mais o ditongo nasal, em virtude de fatores que possam estar ligados ao sistema linguístico da língua de contato e/ou à via de aprendizagem do português; (ii) as variáveis linguísticas vogal do ditongo, contexto precedente, consoante do *onset*, contexto seguinte, tonicidade do contexto seguinte e classe de palavra foram as selecionadas a fim de verificar sua influência na aplicação da regra de redução; (iii) os falantes mais jovens, principalmente entre os bilíngues, aplicarão mais a regra de redução dos ditongos nasais do que os falantes mais velhos.

O estudo de Bopp da Silva (2005) constituiu-se de 441 células, com um total de 1.728 dados que apresentaram contexto para ocorrência de redução da nasalidade de ditongos átonos finais. “Destes dados, 533 apresentaram a redução e 1.195 não apresentaram aplicação da regra. Em termos de frequência, estes números apresentam 31% de aplicação contra 69% de não-aplicação” (BOPP DA SILVA, 2005, p. 118). A pesquisa de Battisti (2002) também mostrou uma frequência semelhante, pois os dados que sofreram redução obtiveram um total de 43%, o que gera uma confirmação de que a regra realmente é variável nessa região do Brasil (Sul do País).

De acordo com a pesquisa de Bopp da Silva (2005), os grupos de fatores favorecedores para que a regra de redução fosse aplicada foram: *contexto fonológico seguinte, consoante do onset, classe de palavra e tonicidade do contexto fonológico seguinte*. Destes, *contexto fonológico seguinte* e *classe de palavra* também foram grupos de fatores selecionados na pesquisa de Battisti (2002). Quanto às variáveis extralinguísticas, foram selecionadas: *bilinguismo, escolaridade e idade*.

A partir dos resultados acima citados, Bopp da Silva (2005), que tinha como objetivo inicial investigar se o fator bilinguismo é decisivo para a aplicação da regra de redução dos ditongos nasais átonos e em quais contextos ele favorece ou desfavorece a aplicação da regra, concluiu que a redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo é favorecida pela atuação dos seguintes fatores, em ordem de relevância:

Quadro 6– Conclusões de Bopp da Silva (2005) sobre a redução do ditongo

- a) falante monolíngue;
- b) contexto seguinte ao ditongo iniciado por vogal;
- c) posição de *onset* da sílaba que contém o ditongo, ocupada por consoante nasal;
- d) falante com menor número de anos de aprendizagem formal;
- e) vocábulo terminado em sufixo –gem;
- f) falante mais jovem;
- g) contexto seguinte ao ditongo formado por sílaba átona.

Fonte: Bopp da Silva (2005, p. 136)

É necessário ressaltar que o estudo de Bopp da Silva (2005) levantou algumas questões importantes sobre a diferença de uso da regra entre falantes bilíngues e monolíngues, com a tendência de o bilíngue preservar mais o ditongo, sendo necessário descobrir que fatores provenientes da língua de substrato são decisivos para bloquear a aplicação da regra. E um segundo questionamento corresponde à necessidade de estudos que se aprofundem sobre a relação entre nasalidade que é passível de redução e a morfologia do português.

Ambos os estudos apresentados nesta seção nos auxiliam a compreender o fenômeno pesquisado. Acreditamos que nossos resultados poderão ser somados aos já encontrados pelas autoras, contribuindo, assim, com os estudos sobre a nasalidade no PB.

1.4. Suporte Teórico para análise fonológica dos dados

Apresentaremos nesta seção o modelo e abordagem teórico-descritiva de que nos valeremos para uma discussão fonológica dos resultados, quais sejam, o modelo de *Template Silábico* de Selkirk (1982) e a descrição de Bisol (1989;1999) sobre a sílaba no PB, baseada no *template* de Selkirk.

1.4.1. A sílaba

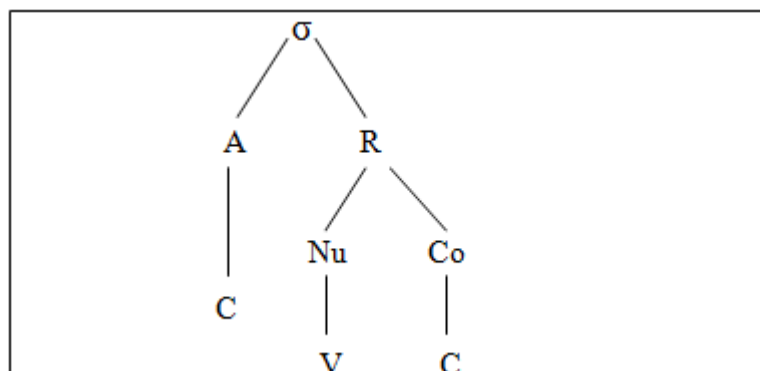
Apresentaremos nesta seção os pressupostos básicos sobre uma das várias propostas para dar conta da descrição e representação da sílaba, para fins de contextualização. Posteriormente, vamos nos deter na teoria para enfocar o ditongo nasal, o que nos auxiliará na análise a ser realizada nos próximos capítulos desse trabalho.

A partir da década de 70 do século passado, estudos sobre a sílaba foram, aos poucos, ganhando espaço nas teorias fonológicas e, assim, este constituinte começou a ser foco de várias pesquisas para compreender o seu papel na fonologia das línguas em geral.

Na Teoria Métrica, segundo Selkirk (1982), o qual se baseou anteriormente em autores como Pike e Pike (1947) e Fudge (1969), a sílaba é constituída por um ataque (A) e uma rima (R), que possui um núcleo (Nu), e uma coda²¹ (Co). Com exceção do núcleo, qualquer um desses constituintes pode ser vazio. A imagem abaixo apresenta o modelo para representação da sílaba, já adaptado por Bisol (1999):

²¹“Termo adotado pela Fonologia Autossegmental para indicar a parte pós-vocálica da sílaba que é ocupada por um som consonantal.” (SILVA, 2011, p. 75)

Figura (7) – Modelo de representação da sílaba



Fonte: Bisol (1999)

A Teoria Métrica afirma que a vogal do núcleo e a consoante da coda são muito mais próximas do que a vogal e a consoante do ataque. Segundo a abordagem métrica, um dos modelos mais utilizados nos estudos sobre a sílaba é o apresentado por Selkirk (1982), que utilizaremos para dar conta dos fatos resultantes da descrição de nossos dados depois de feita a descrição quantitativa.

De acordo com Selkirk (1982), a sílaba é uma unidade linguisticamente significativa, que possui grande importância na teoria fonológica e é representada por meio de uma estrutura hierarquizada por árvore de ramificação binária. A autora elenca três razões para que o estudo da sílaba seja feito como unidade significativa: em virtude das restrições fonotáticas, da aplicação de regras fonológicas e do tratamento do fenômeno suprasegmental.

A primeira razão, que diz respeito às restrições fonotáticas da língua, é sustentada pela própria estrutura da sílaba, conforme as proibições particulares de cada língua. Por exemplo, no português brasileiro, uma forte restrição fonotática impede que obstruintes não contínuas ocupem a posição de coda silábica. Isto faz com que o falante, para evitar que esse tipo de segmento feche a sílaba, normalmente insira a vogal [i], adequando-se ao padrão silábico mais simples CV.

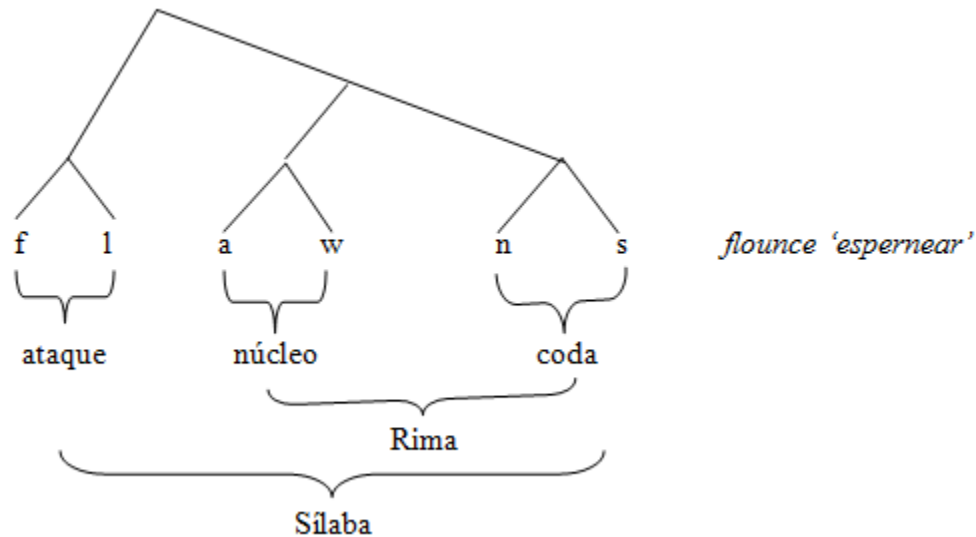
Como este tipo de restrição é particular de cada língua, podemos citar o caso do inglês que, diferentemente do PB, permite este tipo de estrutura, isto é, obstruintes não contínuas em posição de coda. No caso do PB, podemos citar exemplos de palavras como: *advogado* ~ *ad[i]vogado* e *advertência* ~ *ad[i]vertência*. Já no Inglês, essa inserção da vogal não ocorre, como nos casos: *bad* ‘mau’ e *dad* ‘pai’.

A segunda razão para que o estudo da sílaba fosse feito dá-se pelo fato de que, por meio da sílaba, é possível propor caracterizações de domínio de aplicação de grande parte das regras fonológicas. Podemos citar, como exemplo no PB, a regra de velarização do /l/ que, de forma variável, ocorre quando está em posição de coda, como nas palavras *a[t]ta* e *sa[t]*.

A terceira razão postula que os segmentos sejam agrupados em unidades do tamanho da sílaba. Esse conjunto de segmentos justifica-se pelo fato de que Selkirk (1982), tomando como base a fonologia métrica, considera a sílaba como uma unidade portadora de acento – portanto um fenômeno suprasegmental. Dessa forma, estudar a sílaba significa trazer à tona a possibilidade de descrever o padrão de acento de diversas línguas.

A representação da sílaba, segundo Selkirk (1982), é feita de forma hierarquizada, como mencionado anteriormente, em que a sílaba se situa na hierarquia prosódica, uma vez que será o alicerce para os demais constituintes, como o pé, a palavra fonológica, a frase fonológica, a frase entoacional e o enunciado. A autora propõe, então, por meio da estrutura da sílaba, que a Rima seja dividida em duas partes: núcleo e Coda, sendo a primeira a mais importante, enquanto a Coda refere-se aos elementos encontrados após o núcleo dentro da rima (como apresentado na nota 17):

Figura 8 – Representação da sílaba segundo Selkirk (1982)



Fonte: Selkirk(1982,p.338)

Os *Constituintes Imediatos*, também conhecidos como Ataque, Núcleo e Coda, são segmentos que ocupam determinadas posições na estrutura silábica, respeitando algumas restrições fonotáticas existentes. Isso significa que as línguas podem ter restrições específicas, como o PB, o qual só permite que vogais ocupem a posição de núcleo, enquanto a posição de coda é ocupada apenas por soantes e pelo /S/.

Caso o ataque seja constituído de mais de um segmento, o que é denominado de ataque complexo, o primeiro segmento sempre será menos sonoro que o segundo. Já a Rima é mais forte que o Ataque e o Núcleo é mais forte que a Coda. Se a Coda for preenchida por dois segmentos, o primeiro elemento será mais sonoro que o segundo. Esta relação entre graus de sonoridade é definida por uma escala universal, conforme apresentado a seguir:

Quadro 7 – Escala universal de sonoridade

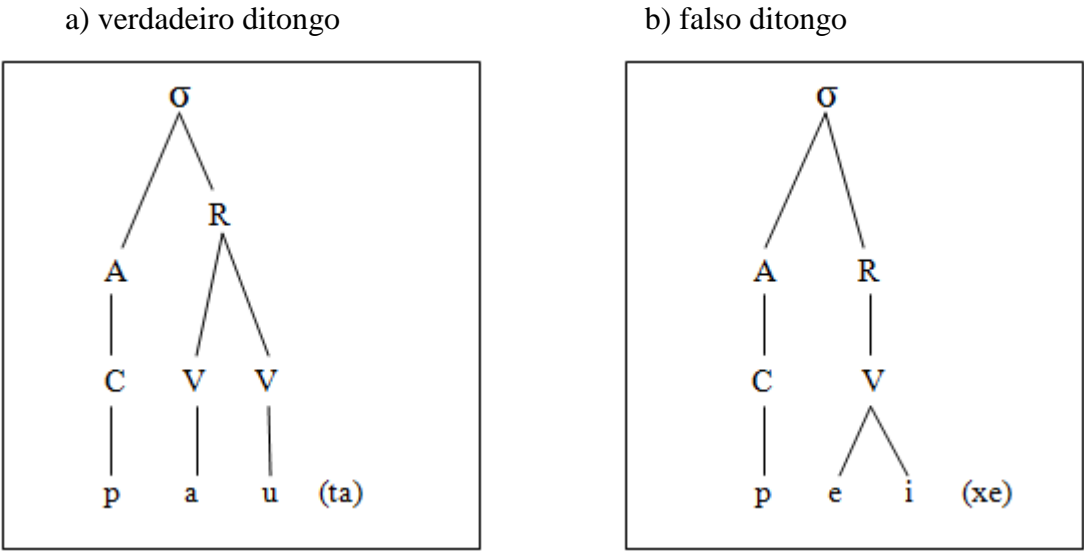
<u>Escala de sonoridade</u>			
Vogal	>Líquida	>Nasal	> Obstruente
3	2	1	0

Fonte: Collischonn (2010, p. 109)

Podemos afirmar, portanto, que há uma escala relativa de padrões de sonoridade e proeminência, já que o Núcleo é o mais forte em relação aos demais constituintes, e o Ataque e a Coda são mais fracos em relação ao núcleo. Seguindo esse princípio relativo, do ataque para o núcleo há uma ascendência, enquanto do núcleo para a coda, o grau de sonoridade dos seguimentos deve estar em decréscimo.

Bisol (1999) utiliza o modelo criado por Selkirk (1982) para explicar a formação do ditongo no português. De acordo com a autora, nos ditongos decrescentes, a semivogal ocupa a posição da consoante, conseqüentemente fica na coda da sílaba. No nível subjacente, todas as semivogais seriam vogais altas que, durante o processo de *silabação*, tornam-se glides. Os ditongos crescentes são formados no nível pós-lexical, ao passo que os decrescentes se formam no nível lexical. A representação a seguir demonstra o uso do *Template Silábico de Selkirk* (1982), para diferenciar o ditongo decrescente (verdadeiro ditongo), do ditongo crescente (falso ditongo):

Figura 9 – O “verdadeiro” e o “falso” ditongo



Fonte: Collischonn (2010, p.122)

Ainda no que diz respeito à sílaba, é preciso compreender que no PB existem demandas estruturais que determinam o número máximo e o mínimo de elementos permitidos em uma sílaba na língua. Porém, muitos autores discordam quando se trata de delimitar esse número máximo, isso porque análises distintas são feitas por esses estudiosos acerca do assunto em questão. Abaixo, Collischonn (2010) apresenta exemplos dos padrões silábicos do português:

Quadro 8 – Exemplos dos padrões silábicos do português

V	<u>é</u>
VC	<u>ar</u>
VCC	<u>inst</u> ante
CV	<u>cá</u>
CVC	<u>lar</u>
CVCC	<u>monstro</u>
CCV	<u>tri</u>
CCVC	<u>três</u>
CCVCC	<u>trans</u> porte
VV	<u>aula</u>
CVV	<u>lei</u>
CCVV	<u>grau</u>
CCVVC	<u>claus</u> tro

Fonte: Collischonn (2010, p. 115)

Em se tratando de padrão silábico do Português, Câmara Jr. (1969) afirma que a enunciação da sílaba, quando é completa, consta de um aclave, um ápice e um declive. Ao ápice corresponde a emissão de uma vogal, momento essencial da sílaba, tornando-se um fonema silábico. Já os demais fonemas, denominados assilábicos, podem não estar presentes na sílaba, como o aclave e o declive. De acordo com o autor, as três estruturas fundamentais da sílaba são: V, considerada a sílaba simples; CV, considerada sílaba complexa, mas aberta ou livre; VC, considerada como sílaba fechada ou travada e CVC, considerada uma sílaba completa, pois possui aclave e declive, como a palavra *par*, por exemplo. De acordo com Câmara Jr. (1969):

A língua portuguesa se caracteriza por uma grande predominância de sílabas livres ou abertas. Nelas se incluem, evidentemente, as sílabas simples. Todas as consoantes portuguesas podem aparecer no aclave de uma sílaba, isto é, como crescentes. Sílabas travadas ou fechadas são muito menos frequentes e com uma limitação muito grande das consoantes que podem figurar no aclave, isto é, como decrescentes. Em compensação, as vogais /i/ e /u/ podem figurar nesta parte da sílaba como decrescentes e assilábicas (em transcrição fonológica, respectivamente, /y/ e /w). Constituem com a vogal silábica o chamado ditongo decrescente, como em *pai* e *pau*, que se opõem distintivamente a pá. (CÂMARA JR., 1969, p. 267).

Ainda quando se trata de sílaba, há algumas condições universais para sua boa formação, tais como: a *Sequência de Sonoridade*, o *Licenciamento Prosódico* e o *Princípio de Preservação de Estrutura*. A *Escala de Sonoridade* possui papel importante na estrutura da sílaba, uma vez que, por meio dela, é possível criar uma correspondência entre a sonoridade relativa de um segmento e a posição que esse mesmo segmento ocupa no interior da sílaba. O núcleo da sílaba sempre será ocupado pelo segmento mais sonoro, enquanto os demais segmentos ocuparão as margens da sílaba, como ataque e coda. Ademais, haverá sonoridade crescente em direção ao núcleo, quando houver sequências de elementos dentro do ataque ou da coda. Como referido alguns parágrafos anteriores, a escala de sonoridade é universal. Por questões didáticas, repetimo-la a seguir:

Quadro 7 – Escala universal de sonoridade

<u>Escala de sonoridade</u>			
Vogal	>Líquida	>Nasal	> Obstruinte
3	2	1	0

Fonte: Collischonn (2010, p. 109)

Essa escala explica, por exemplo, casos como o da sequência *tr* que podem constituir ataque de uma sílaba, mas não coda. Mas há ainda uma condição de sequência de sonoridade na qual, de acordo com Selkirk (1982), o elemento mais sonoro constituirá o núcleo de uma sílaba e será precedido ou seguido por elementos que possuam grau de sonoridade crescente ou decrescente. Nesse caso, a escala de sonoridade aqui apresentada se torna importante para compreendermos melhor como a nasalidade e a vogal se apresentam quando se trata de um fenômeno que será analisado por meio da Teoria da Silaba.

A segunda condição universal diz respeito ao *Licenciamento Prosódico* que, conforme Itô (1986), exige que todas as unidades fonológicas de um determinado nível pertençam a estruturas hierarquicamente eminentes. Dessa forma, segmentos devem pertencer à sílaba, sílaba ao pé métrico, pé métrico à palavra fonológica, palavra fonológica à frase fonológica e frase fonológica ao enunciado. Logo, respeitando esse Princípio, os segmentos precisam estar divididos em sílabas, para que todos sejam associados a uma posição na hierarquia prosódica.

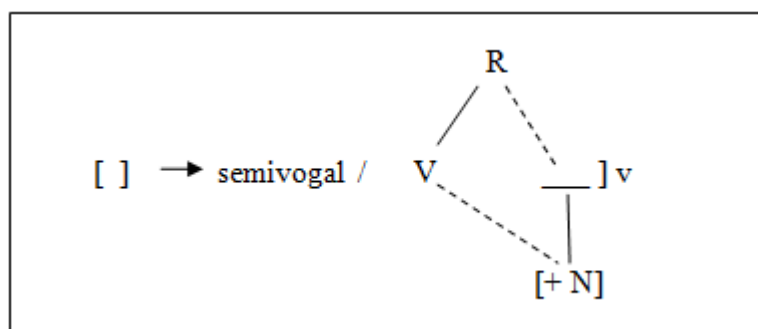
A terceira condição universal é a de *Preservação de Estrutura*, a qual afirma que todas as estruturas precisam ser preservadas, significando a proibição de criar novas estruturas silábicas no léxico. Assim, explica-se o porquê de o PB acrescentar uma vogal a estruturas silábicas terminadas em obstruintes não contínuas. Se não o fizesse, estaria ferindo este princípio e criando novas estruturas.

Após essa contextualização da Teoria da Sílabas, com o objetivo de demonstrar o ditongo nasal átono final seguindo uma estrutura silábica, apresentaremos a seguir a representação de como o glide é formado no PB, proposta por Bisol (1989). De acordo com a autora, os ditongos nasais são formados por uma vogal nasal subjacente mais uma vogal e consoante nasal

(subespecificada), que ocupa duas posições na linha prosódica. Essa consoante subespecificada possui traços que serão especificados por regra *default*²², no fim da derivação.

Ademais, a regra de desligamento de [N] ocorre no nível 2 do léxico, ou seja, antes da adjunção do marcador de classe. Assim, após o desligamento, a nasal torna-se um autossegmento flutuante, que depois é ligada à última sílaba, gerando o espraçamento da nasalidade, de acordo com os princípios da Teoria Autossegmental. O autossegmento nasal é associado ao núcleo da última rima da palavra e, conseqüentemente, espraia-se para todas as vogais da sílaba. Porém, se a estrutura da sílaba apresentar a posição de coda silábica vazia, a nasal flutuante ocupará esta posição e espraizará para a esquerda, formando, então, o glide, que é criado em virtude de um mútuo processo assimilatório: a nasal dá nasalidade à vogal e esse segmento dita a qualidade do glide, como ocorre em palavras que são reduzidas: [omeN] > [ome-] > [omeỹ]. Para melhor compreensão das regras aplicadas nesse processo, demonstramos abaixo a formação do glide nasal, segundo Bisol (1989):

Figura 10 – Formação do glide nasal segundo Bisol (1989)



Fonte: Bisol (1989, p. 199)

Como podemos observar na representação acima, a característica da nasalidade do ditongo é proveniente, portanto, do espraçamento de /N/ na sílaba. Dessa forma, podemos afirmar que C se apaga e V se manifesta como semivogal (glide).

Apresentamos, nesta seção, a Teoria da Sílaba, com a finalidade de compreendermos como a estrutura silábica se organiza. Passemos, pois, ao próximo capítulo, no qual detalhamos como se configurou a metodologia desta pesquisa.

²² Regra padrão da língua.

2. METODOLOGIA

Conforme já referido neste trabalho, visando à análise do fenômeno variável da redução do ditongo nasal átono final na cidade de Uberlândia, utilizaremos a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, segundo os pressupostos de Labov (2008), e sua metodologia quantitativa para apreciar estatisticamente nossos dados. Apresentamos, primeiramente, uma breve discussão sobre a metodologia quantitativa para, em seguida, explicitarmos como a amostra da nossa pesquisa é constituída, e como foi realizada a coleta e a seleção dos dados. Apresentamos ainda informações sobre o GEFONO (Grupo de Estudos em Fonologia da Universidade Federal de Uberlândia – UFU) e sobre o programa estatístico GoldVarb X. Além disso, apresentamos informações sobre a cidade pesquisada (Uberlândia – MG) e, posteriormente, as variáveis linguísticas e extralinguísticas que, segundo hipotetizamos, podem favorecer a manifestação da regra variável em estudo.

2.1. O Modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista

A língua, segundo Labov (2008), é utilizada por seres humanos em um contexto social, comunicando suas ideias, emoções e necessidades uns com os outros. Assim, como afirma Labov (2008, p. 221) “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa”. E é este conjunto de possibilidades de dizer a mesma coisa que gera o interesse por tantas pesquisas destinadas a compreender que elementos favorecem ou desfavorecem a realização de uma forma variante em detrimento de outra.

No bojo destas pesquisas, compete ao investigador, conforme os trâmites científicos da pesquisa linguística, descrever e analisar o que determina a variação, uma vez que não há mais dúvidas de que a variabilidade é característica das línguas naturais. Portanto, compete ao linguista compreender como determinada variação ocorre, de acordo com as propriedades específicas de cada língua. Outro ponto importante é verificar o estatuto social de uma determinada forma em uso na língua, a qual pode ser considerada estigmatizada ou de prestígio. Realizado isso, é possível compreender o grau de realização do fenômeno variável em estudo e, conseqüentemente, verificar se as variantes estão ou não em um processo de mudança, caso seja este um dos objetivos do trabalho feito.

Tomando como base essa perspectiva teórico-metodológica para lidar com a variabilidade linguística, o primeiro passo para a pesquisa consiste em levantar hipóteses acerca de que fatores internos e externos podem estar condicionando a realização de uma das variantes do fenômeno em foco. Ainda nos idos dos anos de 1960, Labov apontava para a necessidade de se considerar fatores linguísticos (internos), como ambientes precedentes, seguintes, pré-pausa, etc., e fatores extralinguísticos (externos), como sexo, idade e classe social do falante, para dar conta de explicações concretas acerca da variação. Pela eficácia deste modelo naquilo que se pretende, a teoria variacionista de Labov, publicada em 1972 e traduzida em 2008 para o português, será por nós utilizada para a descrição e análise quantitativa dos nossos dados.

Os procedimentos metodológicos da teoria da variação pressupõem que o favorecimento ou desfavorecimento da regra variável são circundados por dois tipos de variáveis: dependentes e independentes. Como afirma Labov (2008), as variáveis independentes são grupos de fatores que podem ser internos ou externos à língua, fazendo com que a frequência de ocorrências aumente ou diminua. As variáveis linguísticas são aquelas que exercem influência para que o fenômeno ocorra dentro da própria língua analisada, ou seja, os fatores estarão diretamente relacionados com questões linguísticas. Já as variáveis extralinguísticas são aquelas que irão influenciar na aplicação ou não da regra em virtude de fatores exteriores à língua analisada, como sexo, classe social, idade, escolaridade, etc.

Tendo como pressuposto a Teoria da Variação, para que as variáveis linguísticas e extralinguísticas sejam estabelecidas, faz-se necessária a configuração de um fenômeno variável, ou seja, uma variável dependente, que no caso desta pesquisa, é o próprio fenômeno analisado, qual seja, a redução do ditongo nasal átono final. Sendo assim, após o estabelecimento dessa variável dependente, passa-se à busca por dados de fala.

De acordo com Labov (2008), a fala aliada ao contexto social é o melhor meio para se estudar a variação de uma língua. Isso ocorreu em seus próprios estudos sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard, em que ele utilizou alguns métodos, como entrevistas gravadas com os habitantes da ilha e observação de situações espontâneas de fala em locais informais, como restaurantes, ou até mesmo nas ruas.

Observamos, a partir desse estudo de Labov, que a busca pelo vernáculo²³ para a realização desse tipo de pesquisa é de grande importância. Porém, essa busca pela fala espontânea, gera ainda o que Labov (2008) denominou como *paradoxo do observador*. Uma vez que o objetivo da pesquisa linguística em uma determinada comunidade é descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo “monitoradas”, e só podemos obter os dados por meio de uma gravação, como fazer com que o falante não fique preocupado com a maneira que está dizendo?

Para que a obtenção do vernáculo ocorra, Labov (2008) sugere que:

Uma maneira de superar o paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emergja. Isso pode ser feito em vários intervalos e pausas, que, se bem definidos, fazem com que a pessoa presuma inconscientemente que, naquele momento, não está sendo entrevistada. Também podemos envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos. (LABOV, 2008, p. 244-5).

Como afirma Tarallo (1997), a narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura. Isto porque, ao narrar uma história, o informante se envolve emocionalmente com aquilo que está sendo contado e não se preocupa com a forma.

Labov (2008) afirma ainda que, independentemente da existência de inúmeros métodos que possam ser utilizados para que o pesquisador consiga um bom número de dados de fala, a melhor maneira de conseguir bons dados e em uma boa quantidade para estudos é por meio da entrevista gravada e individual. E é nesse ponto que surge a importância de fazer com que o informante não se preocupe com a maneira que está dizendo, mas sim que se sinta à vontade com o entrevistador.

Após a coleta de dados, por meio da entrevista gravada, é necessário que uma análise estatística seja realizada, a fim de interpretar e explicar as ocorrências ou não do fenômeno estudado e verificar ainda quais fatores foram selecionados como favorecedores ou não para a realização do fenômeno variável.

²³ Vernáculo = fala espontânea.

Logo, entende-se que empreender uma análise quantitativa é o que viabiliza o estudo da variação linguística. Como afirma Guy e Zilles (2007):

permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico, e social e sua eventual relação com a mudança linguística. A variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos. (...) O uso de métodos estatísticos, contudo, tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras. (GUY; ZILLES, 2007, p. 73).

Dessa forma, nosso embasamento na Teoria da Variação se justifica pelo fato de ser realizada uma análise quantitativa dos dados. Logo, para que se realize uma pesquisa que busque a explicação da variação existente ao se pronunciar palavras com ditongo nasal átono final, seguindo os pressupostos metodológicos de Labov (2008), elaboramos determinadas células²⁴, que serão especificadas na seção seguinte e realizamos a escolha das variáveis para esse trabalho, para a realização de uma posterior análise quantitativa dos dados.

2.2. Contexto da pesquisa

2.2.1. A constituição da amostra

Nesta pesquisa, utilizamos dados de 24 entrevistas feitas com informantes de Uberlândia (amostra definida pelo GEFONO – Grupo de Estudos em Fonologia da Universidade Federal de Uberlândia), realizadas com um gravador de voz (MP3), a partir de um roteiro de perguntas (anexo I). Dessas 24 entrevistas, 12 foram selecionadas do banco de dados do GEFONO, seguindo os critérios que obedecessem às células (explicitadas nos quadros abaixo), da mesma forma que as outras 12, mas que foram realizadas por esta autora²⁵. Depois

²⁴ Divisão de informantes de acordo com sexo, idade e nível de escolaridade.

²⁵ O fato de 12 entrevistas terem sido realizadas por esta autora justifica-se, pois, a importância de “ir à campo” em um estudo com coleta de dados é extrema. Logo, a vivência como pesquisadora que tem contato com os dados dessa forma, é de grande relevância para os demais passos da pesquisa.

de selecionadas as entrevistas, foram transcritas ortograficamente e foram selecionados os dados que continham ditongos nasais átonos finais, seja em sua forma reduzida ou plena. Posteriormente, esses dados selecionados foram codificados e analisados com o auxílio do programa estatístico GoldVarb X (programa de computador que auxilia em pesquisas de base estatística) para serem interpretados.

As células abaixo explicitadas foram definidas pelos pesquisadores que fazem parte do GEFONO, e possuem tal divisão em virtude da necessidade de abrangência de várias faixas etárias e graus de escolaridade, para que os dados coletados possam ser representativos da região pesquisada.

Desse modo, os informantes foram divididos de acordo com os quadros abaixo:

Quadro 9- Células de pesquisa conforme o sexo feminino

FEMININO (12 informantes)	0 a 11 anos de estudo (6)	15 a 34 anos de idade (2)	INFORMANTE 1
			INFORMANTE 2
		35 a 54 anos de idade (2)	INFORMANTE 3
			INFORMANTE 4
		Com 55 anos ou mais de idade (2)	INFORMANTE 5
			INFORMANTE 6
	Mais de 11 anos de estudo (6)	15 a 34 anos de idade (2)	INFORMANTE 7
			INFORMANTE 8
		35 a 54 anos de idade (2)	INFORMANTE 9
			INFORMANTE 10
		Com 55 anos ou mais de idade (2)	INFORMANTE 11
			INFORMANTE 12

Fonte: GEFONO

Quadro 10 -Células de pesquisa conforme o sexo masculino

MASCULINO (12 informantes)	0 a 11 anos de estudo (6)	15 a 34 anos de idade (2)	INFORMANTE 13
			INFORMANTE 14
		35 a 54 anos de idade (2)	INFORMANTE 15
			INFORMANTE 16
		Com 55 anos ou mais de idade (2)	INFORMANTE 17
			INFORMANTE 18
	Mais de 11 anos de estudo (6)	15 a 34 anos de idade (2)	INFORMANTE 19
			INFORMANTE 20
		35 a 54 anos de idade (2)	INFORMANTE 21
			INFORMANTE 22
		Com 55 anos ou mais de idade (2)	INFORMANTE 23
			INFORMANTE 24

Fonte: GEFONO

Além de possuírem essas características, a seleção dos informantes para essa pesquisa obedeceu a três critérios²⁶:

- a) o informante deveria estar disposto a ser entrevistado e, portanto, a participar desse estudo;
- b) o entrevistado deveria ter nascido em Uberlândia ou ter vindo para a cidade com até 5 anos de idade;
- c) o indivíduo não poderia ter se ausentado do município uberlandense por mais de dois anos consecutivos;

2.2.2. A coleta e a seleção dos dados

Seguindo o método aleatório estratificado, proposto por Labov (2008), uma vez que utilizamos apenas parte da comunidade para desenvolvermos um trabalho com dados de fala, estabelecemos as células, abrangendo diferentes faixas etárias, graus de escolaridade e

²⁶ Os critérios B e C correspondem ao fato de que o “falar” dos informantes pode ter sofrido influência de outros “falares” caso ele tenha morado fora de Uberlândia por mais de 2 anos e ter nascido no município é de extrema importância para a confiabilidade dos nossos dados.

também tanto homens quanto mulheres e, posteriormente, saímos a campo com o objetivo de coletar dados, por meio de entrevistas gravadas. Então, como já explicitado na seção anterior, utilizamos nessa pesquisa 24 entrevistas realizadas com informantes da cidade de Uberlândia, gravadas na residência de cada informante, individualmente, com duração mínima de 30 minutos.

Cada inquérito foi feito a partir de um questionário, elaborado por esta autora (ver anexo I), com perguntas sobre o dia a dia do informante, questões pessoais sobre profissão, família, relacionamentos em geral, sonhos, época da escola, etc., com o objetivo de deixá-lo mais à vontade para falar. É importante ressaltar que esse roteiro servia apenas como auxílio na hora da entrevista, isso porque, na maioria dos casos, os informantes se sentiam à vontade e a conversa entre sujeito-entrevistado e sujeito-entrevistador fluía naturalmente.

Após a gravação das entrevistas, 12 foram transcritas ortograficamente (lembrando que as outras 12 já tinham sido transcritas, pois faziam parte do banco de dados do GEFONO). Essa transcrição teve como objetivo retratar com fidelidade o que fora dito pelo falante, sendo realizada seguindo os critérios definidos pelo GEFONO, retratando todos os detalhes possíveis da fala, como as pausas, a acentuação, a interferência de outras vozes, etc. A fim de exemplificar essa etapa de transcrição, utilizaremos uma entrevista²⁷ feita com um informante do sexo masculino, entre 35 e 54 anos de idade e com mais de 11 anos de estudo.

²⁷ Legenda: E = Entrevistador ; I = Informante; palavra = quando há ou não redução do ditongo nasal átono final.

Quadro 11 – Exemplificação de trecho transcrito da entrevista

E.	É: + qual qui é a opyniãu du sinhôr sobri a: legalizaçãu da uniãu istávil entri homossexuais?
I.	Eu: eu achu qui: + a genti veim na vida pra sê0 feliz certu? /urrrum/, eu achu qui: + eu sei qui ixisti muito preconceitu, a genti nota: principalmenti a genti qui + qui é mais antigu i qui é conservadô0, eu sei qui ixisti, mas eu: eu pelu pela evoluçãu das coisa0 eu veju qui a genti veim na vida pra sê0 feliz i: + num cabi a mim julgá0 si é certu ou si é erradu, intrega issu pra pra Deus i: + eu achu qui deysdi qui a família i u i: i us pais, as pessowas envolvidas + é: + nau istejão sendu: é: marginalizadus ou ou ou mesmu discriminadus pur issu, sofrenu consequencia + eu veju issu comu normal, si duas pessowas acham qui qui teim qui sê0 feliz, achu qui pra mim issu num importa nãu, eu incaru cum naturalida di mesmu. /urrrum/.
E.	É: u sinhôr acha qui: ainda hoji ixisti racismu na sociedadadi?
I.	Ixisti: i muito, muito. /já presenciô0 alguma cena?/. Já: é: gozaçãu: é: + algumas pessowas dispreparada0 né? Qui: qui ainda usa dissu ainda: é lamentável né? /é!/, pessowa 0inda querê0 goza0 u ser humanu qui é igual agentu num teim diferença nenhuma certu? I: i: umas piadinha, certas coisa0 qui: eu achu qui essas pessowa0 precisa di oraçãu mesmu, /(risos)/, infelizmenti: + issu aí é coisa di genti: qui num: + ainda teim muito qui aprendê0 na vida né?

Fonte: a autora

Depois da transcrição, fizemos a seleção dos dados que possuíam a redução ou não do ditongo nasal átono final, incluindo nomes e verbos. De posse dos dados, foi realizada a codificação, a fim de submetê-los ao programa de análise estatística GoldVarb X. Dessa forma, a codificação foi feita com base nas variáveis linguísticas e extralinguísticas que compõem a pesquisa. Um exemplo dessa codificação é apresentado a seguir com a palavra “*coragem* (*coragi*)” quando reduz:

Quadro 12 – Exemplificação de codificação realizada

2P*469bF0@ coragi

Em que:

2: para a realização com apagamento [v];

P: Contexto precedente (consoante fricativa pós-alveolar);

*: Contexto seguinte (consoante não-nasal);

4: Tonicidade do contexto seguinte (contexto oral);

6: Classe Gramatical (Nomes);

9: Tipo de Vogal (vogal média-alta);

b: Informante 2;

F: sexo feminino;

0: 0 a 11 anos de estudo;

@: 15 a 34 anos de idade.

2.2.3. O banco de dados GEFONO

O GEFONO, Grupo de Estudos em Fonologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), coordenado pelo Prof. Dr. José Magalhães, é formado por alunos de Iniciação Científica, mestrandos e doutorandos que desenvolvem pesquisas na área da Fonologia e variação fonológica, os quais se reúnem quinzenalmente com o objetivo de fazerem discussões acerca de textos dessa mesma área de estudos e, conseqüentemente, compartilharem conhecimentos.

Assim como já mencionamos na seção anterior, todos os integrantes do GEFONO utilizam a mesma divisão de células para a realização de suas entrevistas, a fim de coletar os dados para análise. Estas células foram selecionadas com o intuito de abrangerem diferentes níveis de escolaridade e faixa etária, bem como homens e mulheres.

As pesquisas realizadas pelos membros do grupo se concentraram na formação de um *corpus* com dados de fala da região do Triângulo Mineiro, mais especificamente das regiões: Centro, Leste, Norte, Sul e Pontal do Triângulo. Dentre as cidades que já têm dados coletados estão: Uberlândia, Monte Carmelo, Coromandel, Araguari, Uberaba e Ituiutaba.

As pesquisas até então realizadas a partir do corpus do GEFONO concentram-se em fenômenos variáveis ligados às vogais e aos sufixos (*inho e zinho*), logo, a presente pesquisa, que possui como foco o trabalho com ditongos, torna-se pioneira, uma vez que é o primeiro trabalho a analisar um fenômeno envolvendo os ditongos.

2.2.4. O programa estatístico: GOLDVARB X

Este trabalho, como afirmado outras vezes, segue duas linhas. A primeira, de natureza quantitativa, tem como objetivo verificar estatisticamente a realização do fenômeno variável da redução do ditongo nasal, bem como os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou não sua ocorrência. A segunda, de natureza qualitativa, tem como objetivo compreender o que acontece fonologicamente com as variantes do fenômeno em foco.

No que se refere à análise quantitativa, o objetivo é bem definido por Guy e Zilles (2007): “Seu propósito é separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais

em uma variável linguística”. (GUY; ZILLES, 2007, p. 34). Esses fatores condicionantes podem ser tanto linguísticos como extralinguísticos.

Sendo assim, para que a nossa análise quantitativa fosse realizada, utilizamos o Programa estatístico GoldVarbX, que possui ferramentas que auxiliam o pesquisador na rodagem dos dados encontrados por meio das entrevistas coletadas, que são transcritas e codificadas (como explicitado anteriormente). Logo, o Programa produz, a partir dessa codificação, dados estatísticos que nos auxiliam a compreender melhor o fenômeno em questão. E é a partir desses dados que o pesquisador pode montar suas tabelas com o resultado de suas análises, em que os percentuais demonstram a tendência de o processo da redução do ditongo ocorrer em diferentes contextos.

Para que uma análise de regra variável seja feita, o primeiro passo é definir a variável linguística a ser investigada. Identificar uma variável inclui, ainda, definir as variantes (o que é e o que não é uma ocorrência da variável em estudo), segundo Guy e Zilles (2007). Também é preciso definir o envelope de variação, ou seja, onde ocorre a variação e onde ela não pode ocorrer de forma alguma. Posteriormente, já de posse dos dados, o pesquisador precisa criar códigos, que podem ser símbolos, letras ou números, para cada variável definida para estudo. Mostramos, na seção anterior, um exemplo de como é feita a codificação dos dados.

Para a palavra *coragem* (quando está reduzida a ‘coragi’), fizemos a seguinte codificação:

(2P*469FbF0@ *coragi*

Antes do início da codificação, podemos observar que é aberto um parêntese. Isso acontece, pois o programa precisa identificar que se trata de dados codificados. E o parêntese é fechado, quando o último dado é codificado. Essa codificação é salva no *arquivo de dados* (.tkn) do GoldVarb X, posteriormente, na seção *Tokens>generate factor specification*, a conferência desses dados é feita para saber se há algum erro no que foi codificado. Caso algum erro seja detectado, o pesquisador pode fazer a correção de imediato e prosseguir na análise.

Assim que a conferência é realizada, o programa abre a janela do *arquivo de condições* (.cnd) e a seção *Tokens>no recode* irá definir a variável dependente em estudo e quantos grupos

fazem parte da análise. Ainda no *arquivo de condições*, a seção *Cells>load cells to memory* fornecerá ao pesquisador os primeiros dados da análise, quando o programa mostra a seleção de células no arquivo (.cel) e no *arquivo de resultados* (.res). Nesse instante da análise, alguns dados poderão chegar a 0% ou 100%, o que significa que eles estão em *knockout*, ou seja, com os fatores para os quais os dados representam a aplicação ou a não aplicação da regra. Isto significa que, se o fator estiver acima de 95% ou abaixo de 5%, não há variação. Por isso, esses dados precisam ser retirados da rodada²⁸. Para esse procedimento ser feito, é necessário voltar ao *arquivo de condições* (.cnd) e, na seção *Tokens>recode setup*, o pesquisador elimina os *nocautes* presentes nos grupos que compõem a análise. Depois que os *nocautes* forem eliminados, checka-se todos os grupos e é importante salvar novamente o *arquivo de condições* (.cnd).

Após todo esse processo, nesse mesmo arquivo, a seção *Cells>load cells to memory* abrirá um novo *arquivo de resultados* (.res), em que o pesquisador deve verificar se todos os *nocautes* foram excluídos. Os resultados ainda com *nocaute* devem aparecer primeiro, depois aparecem os sem *nocaute*. Depois dessa verificação, basta entrar no *arquivo de resultados* (.res) e na seção *Cells>binomial up and down*, na qual a rodada dos dados será feita. Assim que a rodada for finalizada, o pesquisador poderá conferir, no *arquivo de resultados* (.res), a melhor rodada *stepping up* (em *Best stepping up run*) e poderá confirmar o resultado encontrado na rodada *stepping down* (em *Best stepping down run*).

O pesquisador, então, poderá montar suas tabelas com o resultado das suas análises a partir da melhor rodada apresentada pelo programa, a qual já explicita os percentuais e os pesos relativos em relação aos dados analisados. Esses percentuais possuem a tendência de as variantes ocorrerem em diferentes contextos. O peso relativo apenas confirma essa tendência, por meio de valores no intervalo de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, mais favorecedor é o efeito do fator na ocorrência da variável em um dado contexto, quanto mais próximo de 0, mais desfavorecedor, e se estiver em torno de 0.5 é considerado ponto neutro, isto é, não favorece e nem desfavorece o fenômeno em estudo.

²⁸ A rodada é a execução de uma análise pelo programa estatístico.

Com o intuito de ilustrarmos a explicação acima, apresentamos abaixo um exemplo de uma tabela feita por uma das pesquisadoras do GEFONO, em sua dissertação de Mestrado, após obter os dados estatísticos gerados pelo Programa GoldVarb X:

Tabela 1 – Especificação do contexto precedente (modo)

[ε]			
Contexto precedente (modo)	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
fricativa (J esus)	165/1.118	14,8	0,41
oclusiva (U berlândia)	197/1.705	11,6	0,45
pausa (# eterna)	29/341	8,5	0,41
nasal (m elhor)	72/498	14,5	0,51
líquidas (r eligião)	172/989	17,4	0,68
TOTAL	635/4.651	13,7	

Input 0,071 Significância 0,000

Fonte: Rezende (2013, p. 84).

É possível verificarmos na tabela acima os resultados que Rezende (2013) obteve para a análise do segmento precedente à vogal pretônica /e/ (em palavras como m[e]lhor e m[ε]lhor), conforme o modo de articulação. Verificamos nesse caso que os percentuais apresentam a tendência das variantes em relação ao contexto precedente ocorrerem e há ainda o peso relativo (como explicamos anteriormente), confirmando essa tendência, com um valor entre 0 e 1.

Ainda na apresentação das tabelas, encontramos dois conceitos, *input* e *significância*, o valor de *input* indica a tendência geral de a variável dependente ser realizada nos dados que, no caso da nossa pesquisa, será a redução do ditongo nasal átono final, sendo o valor a ser considerado para esse conceito em uma escala de 0 a 1.

No que diz respeito à *significância*, em relação ao valor apresentado na tabela, quanto mais próximo do zero, mais confiáveis são os dados obtidos, além disso, isso indica se os grupos de fatores em diferentes etapas da rodada são significativos estatisticamente.

Assim ocorre a rodada de dados no Programa GoldVarb X, e a transformação dos dados estatísticos em tabelas, para análises posteriores. Apresentaremos, na seção seguinte, informações sobre a cidade pesquisada, Uberlândia – MG.

2.2.5. Localização e escolha do município pesquisado

A cidade alvo da pesquisa é o município de Uberlândia, localizado no Triângulo Mineiro. A sua população é de aproximadamente 650.000 habitantes (segundo os dados de 2013 do IBGE), sendo o município mais populoso da região do Triângulo Mineiro e o segundo mais populoso do Estado de Minas Gerais, depois da capital, Belo Horizonte e o quarto município mais populoso do interior do Brasil. Possui uma área de 4.115,206 km², sendo que 135,3 km² estão em perímetro urbano.

Figura 11- Mapa da localização geográfica de Uberlândia.



Fonte: UOL.²⁹

²⁹ Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/11/03/.htm>

A cidade possui uma temperatura média anual de 22,3 graus centígrados, com vegetação predominante denominada cerrado. Uberlândia é uma cidade que, por suas condições de localização geográfica e topológica, pôde experimentar, nas últimas décadas, um crescimento populacional e econômico ímpar em relação ao contexto geral de Minas Gerais e do Brasil. Isso ocorreu em virtude do surgimento de novos investidores, principalmente, empresas de grande porte, que movimentam bastante a economia do município, gerando vários empregos e oportunidades aos moradores.

Deste modo, o crescimento da população ocorreu também por causa do desenvolvimento da economia, fazendo com que várias pessoas de regiões próximas e/ou cidades menores viessem em busca de melhores condições de vida, uma vez que Uberlândia, mesmo sendo uma cidade localizada no interior do Estado de Minas Gerais, é tão desenvolvida quanto muitas cidades de maior porte, e que devido a esse crescimento, tornou-se “fonte riquíssima” para a realização de pesquisas linguísticas.

O município conta ainda com uma importante tradição cultural, que vai desde o seu artesanato até o teatro, a música e o esporte. Seu principal e mais tradicional clube de futebol é o Uberlândia Esporte Clube, fundado em novembro de 1922. Uberlândia também possui alguns atrativos culturais, naturais e arquitetônicos. Os principais são o Mercado Municipal, o Parque do Sabiá e o Parque Municipal Victorio Siquierolli. A cidade ainda possui destaque no turismo de negócio, sendo reconhecida em âmbito nacional.

No que diz respeito à história de Uberlândia, é importante ressaltar que ela começou a ser povoada por meio das conhecidas expedições de bandeirantes, que seguiam nas estradas do Brasil com o intuito de descobrir novos territórios. Até que João Pereira da Rocha instalou-se na cidade, criando a Fazenda São Francisco, que alguns anos depois foi adquirida em parte por Felisberto Alves Carrijo, considerado o fundador da cidade de Uberlândia.

A estrada de ferro existente na cidade foi o que contribuiu para o crescimento do município para o norte. Graças a ela, ocorreu a urbanização do que hoje é o centro de Uberlândia, conhecida naquela época como “cidade nova”.

Figura 12 – Foto da cidade na década de 1940



Fonte: <http://www.achetudoeregiao.com.br/mg/uberlandia/historia.htm>

A cidade de Uberlândia encontra-se situada no eixo das principais rodovias de integração com a economia regional de São Paulo e do Centro-Oeste. Diante disso, podemos dizer que o seu crescimento demográfico e econômico também sejam resultados dessa aproximação. Ademais, a população de Uberlândia aumentou em virtude dos estudantes que vieram em busca de melhores oportunidades, já que a cidade possui uma Universidade Federal, bem como pelas oportunidades de emprego que surgiram, atraindo moradores de cidades próximas e até mesmo de cidades como São Paulo.

A escolha da cidade de Uberlândia, para a realização desta pesquisa, deve-se ao fato de que ela é a cidade nuclear para o GEFONO, banco de onde vieram os dados para este estudo. Além disso, faço parte desta comunidade e, portanto, estar inserida nesse ambiente auxilia no conhecimento da comunidade de fala e na minha inserção como pesquisadora, no campo de pesquisa.

3. CONSTITUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CORPUS

A seleção das variáveis é uma das etapas mais importantes em uma pesquisa com dados quantitativos, pois elas irão determinar em quais contextos a regra variável irá ou não ocorrer. Para a análise dos ditongos nasais átonos finais, selecionamos algumas variáveis independentes, porque acreditamos que elas são os fatores que mais condicionam a realização do fenômeno em questão, qual seja, a redução do ditongo nasal átono final.

3.1. Variável dependente

Como já referido anteriormente, a variável dependente é o próprio fenômeno analisado, ou seja, na nossa pesquisa, a variável dependente é o processo da redução do ditongo nasal átono final. Logo, a partir daí, podemos elencar as possíveis variantes, que são as diversas formas alternativas de se “falar” o fenômeno variável, que no nosso caso serão: ocorrência da redução e não ocorrência da redução, como exemplificado abaixo:

Variante 01:

- Realização plena [ṽg̃] (vogal+glide), como nas palavras:
[viaʒẽ] ‘viagem’;
[fexuʒẽ] ‘ferrugem’;
[ɔʁgãũ] ‘órgão’;
[forãũ] ‘foram’;
[istavãũ] ‘estavam’;

Variante 02:

- Realização com apagamento [v] (vogal):
[viaʒi] ‘viagi’;
[fexuʒi] ‘ferrugi’;
[ˈɔrgu] ‘órgu’;
[foru] ‘foru’;
[istava] ‘estava’.

3.2. Variáveis independentes

Entende-se por variáveis independentes os fatores linguísticos (internos) e extralinguísticos (externos), que possam favorecer a realização de uma ou outra variante, no caso deste trabalho, da redução dos ditongos nasais átonos finais. Dessa forma, selecionamos sete variáveis independentes, que julgamos (hipóteses) poderem condicionar o processo de redução, entre as quais cinco são linguísticas e três extralinguísticas. Apresentamos a seguir essas variáveis de uma maneira mais específica, a fim de facilitar a compreensão do processo de seleção dos dados.

3.2.1. Variáveis linguísticas

3.2.1.1. Contexto precedente

Ao analisarmos o *contexto precedente*, buscamos verificar se a presença ou ausência de *onset* na sílaba em que o ditongo ocorre, irá condicionar a aplicação da regra. Como verificou Battisti (2002), a partir da especificação do elemento presente no *onset* contíguo ao ditongo, havia contraste de efeito entre sua presença e ausência para que a regra se aplicasse. Foi possível constatar, segundo a autora, que quando há presença de *onset*, a tendência do ditongo ser reduzido é moderada, já quando o *onset* não está presente, há pouca atuação para que a regra de redução se aplique.

Sendo assim, com essa variável, pretendemos avaliar qual o tipo de consoante e vogal que favorece ou desfavorece a redução do ditongo nasal átono final. O contexto precedente levará em consideração o modo de articulação e o ponto de articulação do segmento que antecede o ditongo nasal átono analisado e, no caso das vogais, selecionamos apenas a vogal alta (i), pois a ocorrência do fenômeno estudado em palavras com outros tipos de vogais é pouca ou nenhuma.

Quanto à qualidade da consoante, os segmentos precedentes foram divididos em:

- (i) **nasais** em palavras como (homem);
- (ii) **oclusivos** (órgão, ontem);

- (iii) **fricativas labiais** (órfão, jovem);
- (iv) **fricativas alveolares** (casam);
- (v) **fricativas pós-alveolares** (serragem; acham);
- (vi) **fricativas velares** (correm).
- (vii) **líquidas-laterais** (molham);
- (viii) **líquidas não-laterais** (falaram);

E quanto à qualidade da vogal:

- (i) **vogal alta “i”** (iam, traziam, faziam).

3.2.1.2. Contexto seguinte

Com este controle, pretendemos analisar quais as possíveis características dos elementos que sucedem o ditongo nasal podem favorecer a ocorrência da forma reduzida. Já que os ditongos nasais átonos ocupam a última sílaba das palavras, só podemos considerar aqui os segmentos com que os vocábulos seguintes são iniciados. Desta forma, serão controlados os seguintes fatores em contexto seguinte:

- (i) **consoante nasal**: ‘Ele é um homem maduro’;
- (ii) **consoante não-nasal**: ‘Ele é um homem casado’;
- (iii) **vogal**: ‘Ela é uma jovem amiga’;
- (iv) **pausa**: ‘Farei uma viagem#’.

Para a investigação da variável contexto seguinte, será preciso analisar a palavra inserida em uma oração, como nos exemplos apresentados acima.

3.2.1.3. Nasalidade do contexto seguinte

Com essa variável, pretendemos verificar se nos nossos dados elementos orais ou nasais no contexto seguinte são favorecedores da redução dos ditongos nasais, assim como verificou Battisti (2002) em seus estudos sobre o fenômeno. Dessa forma, analisaremos se a redução ocorre com maior frequência seguida de:

(i) contextos orais (*foram agora*);

(ii) contextos nasais (*foram indo*).

3.2.1.4. Classe Gramatical

Com essa variável, pretendemos verificar se a classe da palavra colabora para que a redução ou não do ditongo nasal átono final aconteça. Por isso, dividimos as palavras em dois tipos de classes:

(i) nomes³⁰(*homem, nuvem*);

(ii) verbos (*falaram, comeram, jogam*).

3.2.1.5. Tipo da vogal núcleo do ditongo

Para analisarmos se a qualidade da vogal é determinante no processo de nasalização, incluiremos em nosso estudo o grupo de fatores *tipo de vogal*. Observaremos se estas se caracterizam como:

(i) vogal baixa (órgão, falam);

(ii) vogal média-alta (viagem, jardinagem, elétron, nylon);

(iii) vogal alta (fórum).

3.2.2. Variáveis extralinguísticas

O fato de a variação linguística ser inerente às línguas naturais nos faz concluir que as variáveis existem e podem ser tanto internas quanto externas ao sistema linguístico. De acordo com Mollica (2010, p.27), “as variáveis tanto linguísticas quanto não linguísticas não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes (...)”, sendo assim, as variáveis extralinguísticas estudadas em nosso trabalho foram as seguintes:

³⁰ Inclui substantivos, adjetivos e advérbios.

➤ **Sexo:**

Masculino;

Feminino.

➤ **Faixa etária:**

Entre 15 e 34 anos de idade;

Entre 35 e 54 anos de idade;

Com 55 anos ou mais de idade.

➤ **Escolaridade:**

Entre 0 e 11 anos de estudo (ensinos primário; fundamental e médio);

Com mais de 11 anos de estudo (ensino superior ou curso técnico).

Assim, com base nas variáveis dependentes e independentes selecionadas para esta pesquisa, a codificação de todos os dados referentes à redução ou à realização plena do ditongo nasal átono final foi realizada e, posteriormente, submetida ao GoldVarb X para que a nossa análise dos dados fosse feita, o que será explicitado no capítulo seguinte.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. Análise estatística

No presente capítulo, serão apresentados os resultados obtidos por meio das rodadas que realizamos no Programa GoldVarb X. Além disso, faremos uma discussão acerca das variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas pelo Programa.

A análise que apresentamos é organizada da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos, na Tabela 2, os dados gerais obtidos para a redução do ditongo nasal átono final na cidade de Uberlândia – MG. Em seguida, apresentamos as variáveis selecionadas, seguindo a ordem de seleção do próprio Programa, exibindo-as em tabelas.

Após todas as rodadas realizadas no programa estatístico, obtivemos um total de 545 dados, como podemos observar na Tabela abaixo:

Tabela 2 – Amostra de dados de Uberlândia – MG para a aplicação da regra de redução das vogais átonas finais e da preservação da regra supracitada

	TOTAL	%
Aplicação da Regra de redução	545/283	51,9
Não aplicação da regra de redução	545/262	48,1
Input= 0,518		Significância 0,001

De acordo com a tabela acima, tanto a aplicação quanto a preservação da regra apresentaram resultados aproximados, o que demonstra o caráter explicitamente variável do fenômeno e, certamente, justifica estarmos nos dedicando, nesta pesquisa, a tal investigação. Em um total de 545 dados, 283 aplicaram a regra de redução do ditongo (51,9%), enquanto 262 preservaram o ditongo nasal átono final (48,1%).

Aparentemente, o número de dados apresentado pode ser considerado pequeno, porém, dados os percentuais obtidos apresentados acima, vê-se que o fenômeno estudado nessa pesquisa é claramente variável. Além da variabilidade do fenômeno em foco, há ainda algumas

características que o particularizam, tais como o fato de este ditongo ser átono e o de ele estar presente em final de sílaba. Portanto, entendemos ser perfeitamente compreensível que não tenhamos obtido um número expressivamente maior de dados.

Após expormos os números gerais de dados obtidos em nosso estudo, apresentamos quais foram os grupos de fatores eliminados e selecionados pelo Programa Goldvarb X. Nosso conjunto inicial de variáveis possui oito grupos de fatores, como especificamos na Metodologia do presente trabalho. Destes, quatro foram eliminados e apenas quatro foram considerados relevantes para a aplicação do fenômeno em questão.

A primeira variável eliminada foi *nasalidade do contexto seguinte*. Embora tenhamos hipotetizado que este fator pudesse influenciar na aplicação da regra de redução, ele não foi considerado relevante pelo programa GoldVarb X, pois, apesar de termos obtido mais dados em contextos orais, o resultado apontou uma aproximação tanto na aplicação quanto na não aplicação da regra.

O segundo grupo de fator eliminado foi o *sexo*, o que confirmou uma de nossas hipóteses, em que acreditávamos que a variável sexo não exerceria influência para a aplicação da regra.

O *contexto seguinte* e o *contexto precedente* também foram eliminados, pois, de acordo com o programa, esses grupos não são considerados relevantes para a aplicação da regra. Porém, após essa verificação de que o Programa não selecionou nenhuma das variáveis citadas acima, relacionadas ao *contexto* e de acordo com Guy e Zilles (2007):

Quando distinguimos, na codificação, fatores que não são estatisticamente diferentes, temos uma redundância desnecessária na análise [...]. O desafio para o analista, nesse procedimento, é decidir quais fatores devem ser combinados. (GUY; ZILLES, 2007, p. 188).

Assim, baseando-nos nesses autores, optamos por realizar uma amalgamação de fatores, a fim de verificar se mesmo com essa junção, as variáveis linguísticas *contexto seguinte* e *contexto precedente* continuariam não sendo selecionadas pelo Programa.

Dando, pois, prosseguimento às rodadas, no *contexto precedente*, amalgamamos todas as especificidades de *Fricativas* (labiais, alveolares, velares e pós-alveolares) em apenas

Fricativas. No *contexto seguinte*, as *consoantes* (nasal e não-nasal) foram amalgamadas para apenas *consoantes*. Então, após duas novas rodadas, o programa GoldVarb X continuou considerando esses dois grupos de fatores como irrelevantes para a aplicação do fenômeno da redução, o que nos permite afirmar que estes *contextos* não são condicionadores do processo em estudo.

Ainda em relação ao grupo de fatores *contexto precedente*, relativamente às *vogais*, em palavras como *-iam*, o programa acusou *knockout*, uma vez que houve poucas ocorrências desse item, logo, foi necessário eliminá-lo.

Apresentamos, na sequência, os resultados obtidos para cada grupo de fatores. Seguiremos a apresentação de acordo com a ordem em que os grupos foram selecionados pelo programa. Expomos, desse modo, os grupos selecionados: *grau de escolaridade*, *tipo da vogal núcleo do ditongo*, *classe gramatical* e *faixa etária*.

Vejamos, então, as tabelas correspondentes às variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas pelo programa estatístico como condicionadoras do processo de redução do ditongo nasal átono final.

Tabela 3: Grau de Escolaridade

Grau de Escolaridade	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
0 a 11 anos	174/250	69,6	0,685
Mais de 11 anos	109/295	36,9	0,341
TOTAL	283/545	51,9	
Input= 0,518		Significância 0,001	

A primeira variável selecionada foi *Grau de Escolaridade*. Os indivíduos com menor grau de escolaridade reduziram mais o ditongo, apresentando peso relativo de (.68), enquanto os informantes com mais anos de escolaridade demonstraram apenas peso relativo de (.34). Isso pode estar relacionado à questão da forma de prestígio ser a de preservação do ditongo, bem como o fato de as pessoas que possuem maior grau de escolaridade estarem mais próximas à norma culta nas escolas e Universidades.

Essa variável extralinguística também foi analisada por Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005), em seus trabalhos sobre a redução do ditongo. Ambos os estudos apontaram o fator *0-4 anos de escolaridade* como favorecedor da aplicação da regra, com peso relativo de .54 em Battisti (2002) e .55 em Bopp da Silva (2005). Da mesma forma, o fator *9-12 anos* também apresentou números parecidos em ambas as análises, com .45 para os dados de Battisti e .44 para os dados de Bopp da Silva, desfavorecendo a redução. Logo, pode-se afirmar que a aplicação da regra está relacionada a um menor tempo de escolaridade formal.

Segundo Votre (2004, p.51), “a observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam e das comunidades discursivas.” Assim, a variável *nível de escolaridade* torna-se de grande relevância ao analisarmos a influência de determinada variável em uma comunidade de fala, como foi possível percebermos em nossa análise.

As duas tabelas seguintes apresentam as variáveis linguísticas *tipo de vogal* e *classe gramatical*, também selecionadas pelo programa GoldVarb X. Ressaltamos que a ordem aqui explicitada é a mesma selecionada pelo programa estatístico, ou seja, segue a ordem de relevância.

Tabela 4 - Tipo de Vogal núcleo do ditongo

Tipo de Vogal	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Vogal baixa /a/	202/350	57,7	0,633
Vogal média-alta/e,o/	81/195	41,5	0,273
TOTAL	283/545	51,9	
Input= 0,518		Significância 0,001	

Como a Tabela 4 nos revela, a presença da vogal baixa /a/ no núcleo do ditongo, em palavras como (foram) favorece a aplicação da regra de redução, apresentando um peso relativo de (.63), enquanto a presença de vogais médias-altas, em palavras como (jardinagem) desfavorecem a aplicação da regra, com peso relativo de (.27).

De acordo com Jesus (2002), a qualidade da vogal é determinante no processo de nasalização. Posto isso, a autora confirmou em seus estudos que a presença de uma vogal baixa na sílaba favorece mais a aplicação da nasalização do que as vogais não baixas, o que também pudemos

verificar em nosso estudo. Já relativamente à *vogal alta*, em palavras como *fórum*, como era esperado, o programa acusou *knockout*, pois houve poucas ocorrências desse item, logo, também foi necessário retirá-lo das rodadas posteriores.

O terceiro grupo de fatores selecionado pelo Programa foi *classe gramatical*. Vejamos os números.

Tabela 5 - Classe Gramatical

Classe Gramatical	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Nomes	67/121	55,4	0,747
Verbos	216/424	50,9	0,423
TOTAL	283/545	51,9	
Input= 0,518		Significância 0,001	

A Tabela 5 apresenta os resultados obtidos para a análise da *Classe Gramatical* das palavras. Como se pode perceber, tivemos um número muito maior de ocorrência de *verbos* do que de *nomes*. Contudo, a aplicação da regra ocorreu com mais frequência nos *nomes*, conforme percebemos pelos percentuais e pesos relativos, em que para os verbos temos peso de (.42) apenas, e para os nomes peso relativo de (.74). Isto nos faz refutar a hipótese, apresentada inicialmente nessa pesquisa, de que haveria uma maior aplicação do processo da redução entre os verbos. Importante apontar que, no valor total de dados, é possível perceber que houve maior ocorrência de *verbos* do que de *nomes* em nosso *corpus*, mas esta totalidade aqui não se manifesta tão relevante, uma vez que a tradução em peso relativo é que deve ser considerada para dar conta de uma análise fiel dos resultados.

Nos estudos de Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005), os resultados apontaram a categoria dos *nomes terminados* em *-gem* como favorecedores do processo de redução. E quanto aos verbos, houve uma divisão entre *verbos em pretérito* (*sentiram*) e *verbos em não-pretérito* (*querem*). Em nossa pesquisa, optamos por não estabelecer tal divisão, pelo fato do nosso *corpus* ser menor, o que poderia gerar *knockout* pela baixa ocorrência de determinado fator. Uma análise futura poderá lançar um olhar minucioso às características desses nomes, o que certamente nos trará uma visão mais reveladora do processo nessa categoria lexical. Contudo, nesta pesquisa, não foi este o propósito.

Quanto aos *verbos* presentes nos estudos das autoras supracitadas, as análises apresentaram peso relativo de .51, em Bopp da Silva (2005), para as formas em pretérito, contra .50 para Battisti (2002). Enquanto para as formas verbais em *não-pretérito*, o peso relativo apresentado foi de .45 em Bopp da Silva contra .44 em Battisti. Ambas as autoras ainda fizeram a divisão entre *nomes em-gem* e *nomes (homem)*, mas o primeiro fator foi o que demonstrou maior ocorrência de redução.

O que difere o nosso estudo dos estudos das autoras citadas é o fato de não termos estabelecido uma divisão tão específica no fator *classe gramatical*, pois isso poderá ser feito em pesquisas futuras com um maior número de informantes e/ou dados. Mas, assim como Battisti e Bopp da Silva, podemos confirmar que as categorias nominais atuam mais fortemente para que ocorra o processo de redução do ditongo, enquanto as categorias verbais atuam na direção da preservação desses mesmos ditongos. Isso pode estar relacionado, como afirma Battisti (2002), com o fato de que nos *verbos*, o apagamento da nasal implica prejuízo do significado, o que não ocorre nos *nomes*, o que no caso dos *verbos* estaria relacionado com uma perda de informação morfológica da palavra.

Vejamos, agora, os números para variável *faixa etária*, último grupo selecionado:

Tabela 6 - Faixa Etária

Faixa Etária	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Com 55 anos ou mais	104/170	61,2	0,633
15 a 34 anos	93/182	51,1	0,439
35 a 54 anos	86/193	44,6	0,439
TOTAL	283/545	51,9	
Input= 0,518		Significância 0,001	

A quarta e última variável selecionada pelo programa GoldVarb X foi a faixa etária. Nesse caso, percebemos que o fenômeno da redução do ditongo nasal átono final não é uma regra em mudança, pois os mais jovens não aplicam a regra com tanta frequência, sendo o resultado obtido de 51,1% e peso relativo (.43). Já as pessoas mais velhas, reduzem mais o ditongo, com percentual de 61,2% e peso relativo de (.63).

Battisti (2002) não controlou esse grupo de fator, mas Bopp da Silva (2005) optou por controlá-lo a fim de auxiliá-la na análise da variável *bilinguismo*. Porém, trataremos aqui apenas do resultado que a autora obteve em relação aos falantes *monolíngues*, pois se assemelha ao nosso estudo e não trabalhamos com a questão do *bilinguismo*. Dentro deste recorte, Bopp da Silva observou que os falantes mais velhos (43%) aplicam com maior frequência a regra de redução, enquanto os mais jovens aplicam com uma frequência de apenas 34%. Logo, esse resultado se assemelha ao de nosso estudo, indicando que há uma maior difusão do fenômeno entre os mais velhos, tanto aqui no município de Uberlândia, quanto no sul do país.

Após apresentarmos e discutirmos os resultados, por meio de uma análise quantitativa dos dados, demonstraremos, no capítulo seguinte, a descrição fonológica do fenômeno da redução dos ditongos nasais átonos finais a partir da Teoria da Sílabas de Selkirk (1982).

4.2. Análise fonológica

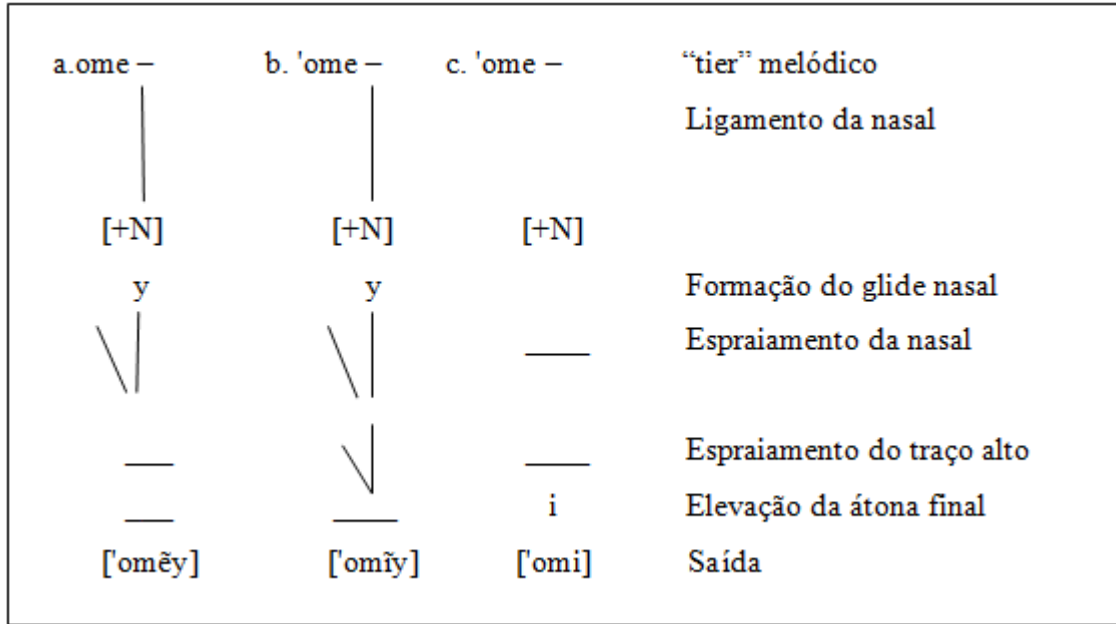
Neste capítulo apresentaremos a descrição do processo de redução do ditongo nasal átono final, alicerçados nos preceitos da Teoria da Sílabas, segundo o *template* proposto por Selkirk (1982) e na representação de Bisol (1999) para o português, seguindo este mesmo modelo. Nossa atenção à descrição deste constituinte prosódico se justifica pelo fato de o processo de redução estar diretamente ligado à estrutura silábica da palavra. A descrição que apresentamos a seguir não pretende trazer contribuições à teoria da sílaba diretamente, constitui-se, na verdade, em um exercício a fim de verificar as alterações que o constituinte sofre após a redução do ditongo.

4.2.1. A Preservação e a Redução do ditongo nasal átono final

O processo de variação do ditongo nasal átono final pode ser realizado com a preservação do ditongo (*aconteceram*) e com a sua redução (*coragi*), conforme demonstramos pelo corpus avaliado em nossa pesquisa. A partir da análise desses dados, percebemos que a variação presente em palavras como “*homem*” (*hom[ẽỹ] ~ hom[i]*) e “*foram*” (*for[ãũ] ~ for[u]*), está relacionada com o fato de possuírem sílabas com rimas simples, o que, conforme Bisol (1989), pode levar à perda da nasalidade.

No caso dessas palavras acima citadas, é a expansão do arquifonema nasal /N/ e a consequente aquisição dos traços articulatorios ou da consoante seguinte ou vogal por ele nasalizada que, segundo Bisol (1989), cria o processo de variação do ditongo em palavras que não possuem vogal temática (como nos exemplos citados acima), nesse caso (em final de palavra), a assimilação que ocorre é mútua, isto é, /N/ nasaliza a vogal e esta cria o glide homorgânico. Como podemos visualizar na representação de Bisol já referida na página 31 deste trabalho (1989, p.206):

Figura 4 – Representação das variantes do ditongo *homem*



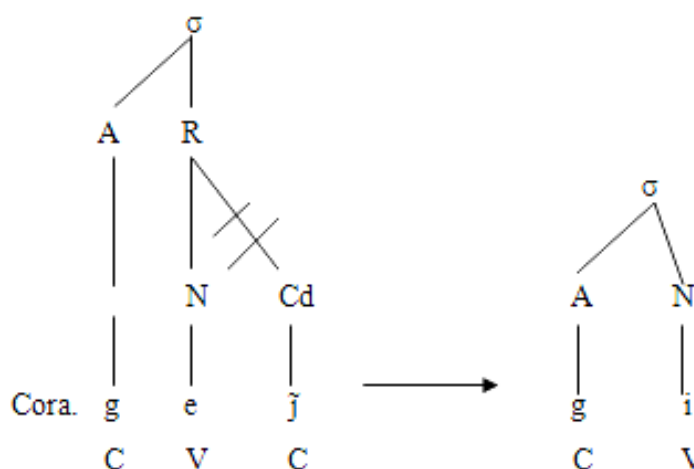
Fonte: Bisol (1989, p. 206)

A representação acima ilustra o processo que ocorre quando o ditongo é passível de redução, ou seja, há de início o ligamento da nasal e nos casos como em ['omẽy] e ['omĩy] há a formação do glide nasal. Ademais, para que haja redução do ditongo, ocorre o espraiamento do traço alto e ainda a elevação da átona final ['omi].

Logo, a representação de Bisol (1989) para o processo de variação do ditongo, permite-nos concluir que o fato deste possuir duas posições no “tier” da rima é o que gera o apagamento do ditongo. O que confirma a afirmação de uma sílaba com rimas simples.

Observando nossos dados e as representações de Bisol (1989) para a variação do ditongo nasal, percebemos que, quando o ditongo reduz, é sempre o glide que será apagado, pois há um enfraquecimento do elemento posicionado na coda da sílaba, gerando a queda da semivogal. Assim, a vogal média passa a átona final e, seguindo o padrão da língua, é em seguida alçada.

Figura 14 – Representação da palavra “*coragem*” quando sofre redução



Fonte: a autora

Pela representação acima, demonstramos, a partir do modelo de Selkirk (1982), a aplicação da regra de redução do ditongo nasal átono final. Nesse caso, há um enfraquecimento da nasal e a consequente queda da semivogal, já que esta não pode ocupar coda de sílaba. Após esse processo de apagamento e queda do glide, ocorre o alçamento da vogal, regra de neutralização do sistema vocálico do PB (posição átona final).

Dessa forma, a representação acima demonstra um caso de *Ordenamento de Regras* que, segundo afirma Matzenauer (2010):

Para derivar a representação fonética da representação fonológica, todas as regras são aplicadas sucessivamente em uma ordem que foi preestabelecida. Cada regra recebe como *input*³¹ a representação resultante da aplicação da regra anterior. Daí resulta uma série de níveis intermediários entre o nível das representações fonológicas e o nível das representações fonéticas, cada nível correspondendo ao *output*³² de uma regra fonológica. (MATZENAUER, 2010, p. 39).

³¹*Input* – “Termo utilizado pela Teoria da Otimalidade para caracterizar as especificações da Gramática Fonológica, ou formas subjacentes de uma língua.” (SILVA 2011, p. 136)

³²*Output* – “Termo utilizado pela Teoria da Otimalidade para expressar as formas a serem avaliadas pelo ranqueamento de restrições. Pode ser entendido como análogo, mas não idêntico, à forma de superfície de uma língua.” (SILVA 2011, p. 167)

É possível observarmos que, no caso da redução do ditongo nasal átono final, a cada processo que se aplica até o apagamento da nasalidade, outros processos ocorrem de maneira subsequente. Em resumo, as regras que se aplicam são as seguintes: primeiramente há o apagamento e queda do glide, em seguida ocorre o espriamento do traço alto da vogal e por último a elevação da átona final. Obedecendo, então, um *Ordenamento de Regras*.

Quadro 13 – Ordenamento de Regras do processo de variação do ditongo nasal átono final

<p>Forma de base: <i>corag[em]</i> Apagamento final: <i>corag[e]</i> Alçamento: <i>corag[i]</i></p>

Fonte: a autora

4.2.2. Alçamento da vogal sem a redução

No início da pesquisa, optamos por realizar uma análise binária do fenômeno da redução do ditongo nasal átono final, na qual avaliamos estatisticamente a realização plena do ditongo (*viagem*) *versus* a realização reduzida desse mesmo ditongo (*viagi*). Porém, embora não fôssemos controlar estatisticamente as demais possibilidades de ocorrências do fenômeno em estudo, deixamos claro, ainda na introdução deste trabalho, que acreditávamos que poderiam aparecer em nossos dados, casos como “*imagim*” [imaʒĩĩ] ou “*imag*” [imaʒ].

Estas formas são, na verdade, mais duas variantes do fenômeno em estudo. Não as controlamos, como já afirmamos, em virtude de nossa análise proposta ter sido apenas binária. Battisti (2002) também constatou tais ocorrências em seus estudos com dados do Rio Grande do Sul. Casos como [imaʒĩĩ] revelam ocorrência do ditongo sem o apagamento da nasalidade, porém com alçamento da vogal-núcleo. Outros exemplos com essas mesmas características são [ʒɔvĩĩ] para ‘jovem’ e [viaʒĩĩ] para “viagem”.

Observe-se que, nos casos de [ʒovĩ] e [viaʒĩ], não ocorre o processo da redução, pois o ditongo nasal é preservado, embora a vogal seja alçada.

Não foram muitos os casos detectados com esta ocorrência em nosso *corpus*. Houve, contudo, dados em que não apenas a vogal média alçou, mas também a vogal baixa, como demonstramos no quadro a seguir:

Quadro 14 – Dados que apresentaram preservação da nasalidade e alçamento da vogal com as vogais especificadas

VERBOS		NOMES
Vogal média-alta (e/o)	Vogal baixa (a)	Vogal média-alta (e/o)
Querim	Educarum	Jovim
Fazerim	Mudarum	Imagim
	Morarum	Coragim
	Apanharum	Viagim
	Conformarum	Homim
		Contagim
		Dosagim

Fonte: a autora

O quarto caso que acreditávamos ocorrer na fala dos moradores da cidade de Uberlândia, ao pronunciarem o ditongo nasal átono final, era o de apagamento total do ditongo, como em [ʒov] e [viaʒ], para “jovem” e “viagem”, respectivamente. Esta hipótese foi refutada, pois não encontramos nenhum caso dessa ocorrência em nosso *corpus*. Nota-se que o apagamento total do ditongo geraria uma fricativa, no mínimo, incomum na coda. A não ocorrência parece revelar que os falantes inquiridos mantêm-se fieis às restrições fonotáticas da língua.

Posto isto, a partir dos dados analisados, é possível concluir que, mesmo nos casos de redução do ditongo, a tendência na língua, na comunidade de fala investigada, é não se desfazer totalmente da sílaba final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variação do ditongo nasal átono final foi o foco dessa pesquisa, cujo *corpus* foi constituído a partir da fala espontânea de 24 habitantes que nasceram e vivem no município de Uberlândia. A análise estatística dos 545 dados obtidos, sendo 283 casos de aplicação da regra de redução do ditongo e 262 de preservação, o que corresponde a 51,9% do total e 48,1% do total, respectivamente, pôde confirmar e refutar algumas hipóteses que elencamos no início desse trabalho.

Inicialmente, tínhamos seis hipóteses a respeito da variação do ditongo nasal átono final. A primeira se referia ao contexto seguinte que, quando iniciado por um segmento vocálico, favoreceria a aplicação da regra de redução. Ex.: “*foram indo*”; “*viagem incrível*”, porém essa variável não foi selecionada pelo programa GoldVarb X como sendo favorecedora do fenômeno aqui estudado, nem mesmo na rodada em que amalgamamos alguns grupos de fatores.

Nossa segunda hipótese afirmava que a altura da vogal núcleo dos ditongos nasais poderia favorecer a que estes se reduzissem. Nesse caso, nossos resultados apontaram para uma maior aplicação do fenômeno em vogal baixa (a), com 57,7% contra 41,5% em vogal média (e/o), o que confirmou nossa hipótese inicial.

A terceira hipótese afirmava que poderia haver casos em que o ditongo seria apagado por completo, como em [viaʒ]. Contudo, como constatamos em nossas análises, não houve nenhum dado com essa particularidade, o que nos permite afirmar que o ditongo não irá se apagar por completo e que o indivíduo tende a ser fiel às estruturas fonotáticas da língua em uso, ressaltando é claro, que esse resultado refere-se à nossa amostra de dados, ou seja, pode ocorrer em dados de outras regiões ou até mesmo em uma nova amostra de dados da cidade de Uberlândia, priorizando outros grupos de fatores, por exemplo.

Verificamos também que houve mais ocorrência de *verbos* do que de *nomes* em nossos dados, porém a regra de redução foi aplicada com maior frequência nos *nomes* (55,4%) do que nos *verbos* (50,9%), o que mais uma vez confirma a nossa hipótese de que os *nomes* (substantivo, adjetivo e advérbio) são favorecedores do processo de redução.

Nossa quinta hipótese consistia em afirmar que a redução do ditongo nasal poderia ocorrer diferentemente, conforme a faixa etária e o grau de escolaridade do indivíduo, o que foi confirmado, pois os informantes com 55 anos ou mais, reduziram o ditongo com maior frequência que os mais jovens (61,2%). Além disso, os falantes que apresentam maior nível de escolaridade também reduziam menos o ditongo. O que indica um fenômeno que não está em mudança, pois os mais jovens optam pela forma considerada de prestígio (norma culta), ou seja, a de preservação da nasalidade.

A sexta e última hipótese formulada afirmava que a realização plena ou reduzida do ditongo nasal átono independe do sexo do falante, o que foi confirmado, pois foi uma das variáveis não selecionadas pelo Programa GoldVarb X, uma vez que não foi considerada relevante para a aplicação do fenômeno em estudo.

Diante desses resultados podemos concluir que a variação do ditongo nasal átono final na cidade de Uberlândia é realmente um processo variável, que possui tanto elementos linguísticos quanto sociais como favorecedores, porém não é um processo em mudança, uma vez que os mais jovens e mais escolarizados, optam pela forma considerada de prestígio, ou seja, preservam a nasalidade. Além disso, esse resultado nos faz refletir sobre o fato de que no futuro, tal resultado poderá sofrer alterações, principalmente, no diz respeito à escolaridade, uma vez que a cada ano o nível de escolaridade da população tende a aumentar significativamente, influenciando assim, para uma porcentagem ainda maior de falantes que preservarão a nasalidade.

Por fim, temos certeza de que há ainda muito a investigar sobre os ditongos nasais átonos finais no português brasileiro. Contudo, esperamos que esse estudo sirva de motivação para que outras pesquisas sejam feitas, com o objetivo de contribuir ainda mais com os estudos fonético-fonológicos do Português Brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATTISTI, E. **A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições.** 1997. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

_____. A Redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, L. BRESCANCINI, C. (Orgs.). **Fonologia e variação**– recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BISOL, L. O Ditongo na perspectiva da fonologia atual. **Revista D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.

_____. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. de M. **Gramática do português falado**. Campinas, Ed. Unicamp, vol. VII, 1999.

_____. Os Ditongos nasais. In: BISOL, L.(org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 174-176.

BOPP DA SILVA, T. **A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo entre falantes bilíngues e monolíngues do Rio Grande do Sul** (Dissertação). Porto Alegre, 2005.

CÂMARA JR, J. M. [1970] **Estrutura da língua portuguesa**. 41ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. [1969] **Problemas de linguística descritiva**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARVALHO, J. **Sobre os ditongos do português europeu**. In: eLing UP, v.4, n.1, p. 11-30, 2012.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. IN: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GUY, G. R; ZILLES, A **Sociolinguística quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HRICSINA, J. **Evolução do sistema vocálico do latim clássico ao português moderno**(tentativas da verificação *in corpora*). Études Romanes de Brno, 34, 2, 2013.

ITÔ, J. **Syllable theory in prosodic phonology**. Amherst: University of Massachusetts. PhD dissertation, 1986.

JESUS, M.S.V. Estudo fonético da nasalidade vocálica. In REIS, C. (org.).**Estudos linguísticos5** - estudos em fonética e fonologia do português. Belo Horizonte: FALE – POSLIN – UFMG, 2002.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

MATZENAUER, C. M. B. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MOLLICA, C. / BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação.4.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

REZENDE, F. A. **O processo variável do abaixamento das vogais médias pretônicas no município de Monte Carmelo – MG. 2013. 128 f.**Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia,Uberlândia, 2013.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H; SMITH, N. **The structure of phonological representations**. Foris Publication, 1982.

SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SILVA, R. V. M. **Como se estruturou a língua portuguesa**. 2009. <Disponível em: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=10. Acesso em: 30 de Julho de 2014.

SILVA, T. C. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

TARALLO, F. **A Pesquisa sócio-linguística**. 4ª Edição. Série Princípios, São Paulo: Ática. 1997.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Trad. de Celso Cunha. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. 51-57.

WILLIAMS, E. B. [1961] **Do latim ao português**. Fonologia e Morfologia históricas da Língua Portuguesa. Trad. de Antônio Houaiss. 7ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

ANEXOS

ANEXO I

Questionário utilizado na coleta de dados (entrevista) com os informantes

ROTEIRO DE PERGUNTAS

INFÂNCIA

- 01 – Você sempre morou em Uberlândia?
- 02 – Como era a cidade quando você era criança?
- 03 – De que você mais sente falta da sua infância? Por quê? Descreva, fale sobre.
- 04 – Qual o dia mais feliz de sua infância? Conte como foi.
- 05 – E qual foi o dia mais triste? Por quê? Conte, relate.
- 06 – Na sua infância, passou por alguma situação engraçada, divertida? Conte como foi isso.
- 07 – Quais as brincadeiras de que você mais gostava? Como é essa brincadeira?
- 08 – Quais eram seus desenhos animados favoritos? Por quê? Conte um episódio de que você nunca esqueceu.
- 09 – Se você pudesse voltar no tempo, qual momento gostaria de reviver? Por quê?
- 10 – Qual era sua matéria favorita na escola? Por quê?
- 11 – Em sua opinião, as crianças de hoje em dia possuem uma infância “saudável”? Comente.
- 12 – O que você acha da campanha contra pais baterem nos filhos como forma de punição? Concorda? Discorda? Por quê?

ATIVIDADES PROFISSIONAIS/ESTUDANTIS

- 01 – Você trabalha? (Onde? Com quê? Gosta do que faz? Já trabalhou em uma profissão diferente? Por que mudou? Com que idade começou a trabalhar?)
- 02 – Qual foi o seu primeiro emprego? O que aconteceu no primeiro dia?
- 03 – Se você pudesse escolher outra profissão qual seria? E por quê?
- 04 – O que você acha sobre começar a trabalhar cedo (jovem)?
- 05 – Para você, qual importância dos estudos para se ter uma carreira profissional de sucesso?
- 06 – Você considera que a educação no Brasil é de qualidade e para todos? O que você acha que falta para a educação no país melhorar?
- 07 – Você acha que o mercado de trabalho hoje é mais concorrido? Em sua opinião, falta emprego no país?
- 08 – Qual profissão você jamais escolheria para sua vida? E por quê?

LAZER E CONCEPÇÕES DE VIDA

- 01 – O que costuma fazer no seu tempo livre? Possui algum hobby?
- 02 – Gosta de assistir televisão? Quais seus programas favoritos?
- 03 – Você gosta de novelas? Tem alguma novela preferida? Consegue lembrar uma cena de que tenha gostado muito? (Contar um pouco sobre a novela)
- 04 – Você gosta de filmes? Qual o gênero predileto?
- 05 – Quais são seus três filmes preferidos? (Contar o filme)
- 06 – Alguma cena de algum filme é inesquecível pra você? Qual ator e atriz prediletos? Porquê?
- 07 – Qual é a relação que você tem com a sua família? É uma relação boa ou não? Conte como é.
- 08 – Você já teve que enfrentar algum tipo de problema familiar? Se sim, como foi enfrentar tal problema?
- 09 – Qual a sua opinião sobre a legalização da união estável entre homossexuais?

- 10 – Você acha que ainda existe racismo na sociedade em que vivemos?
- 09 – Você já presenciou alguma situação de preconceito? Como foi?
- 10 – Você gosta do seu ambiente de trabalho? Sua relação com seus colegas de trabalho é boa?
- 11 – Já teve que enfrentar algum problema no trabalho? Se sim, qual foi a situação e como você enfrentou tal problema?

ASPIRAÇÕES

- 01 – Se você pudesse ser outra pessoa, quem você seria? E por quê?
- 02 – Se você ganhasse sozinho na loteria, o que faria com o dinheiro?
- 03 – Você acha que o dinheiro traz felicidade? Por quê?

PERIGO DE VIDA

- 01 – Você já esteve em alguma situação em que pensou que ia morrer? Como foi?
- 02 – Você já presenciou algum acidente sério? Como foi?
- 03 – Como você vê a violência urbana? Qual a influência que isso causa na vida das pessoas?

RELIGIÃO

- 01 – Qual o significado de Deus para você?
- 02 – Qual a importância da religião na sua vida?
- 03 – Você acredita em milagres? Conhece caso de algum?
- 04 – Você acredita em vida após a morte? Na sua opinião, qual é o nosso destino depois que morremos?

PERGUNTAS EXTRAS

- 01 – Você é casada? Namora? Como conheceu seu marido (esposa, namorada)?
- 02 – Você já é mãe (pai)? Como foi passar por essa experiência? Relate algum acontecimento, cena, etc.
- 03 – Você acredita em alma gêmea?
- 04 – Você gosta de ler? Quais seus livros prediletos? Conte a história de um deles.
- 05 – Você gosta de viajar? Qual viagem você fez e que foi inesquecível?
- 06 – Se você pudesse viajar pra qualquer lugar do mundo, pra onde você iria? Por quê?
- 07 – Você arriscaria sua vida para salvar alguém? Quem? Por quê?
- 08 – Você gosta de cozinhar? Tem algum “prato” que você mais goste de fazer ou comer?
- 09 – Você tem algum sonho? Qual?
- 10 – Você tem vontade de mudar de Uberlândia? Por quê? E pra qual outra cidade?
- 11 – Como você se imagina daqui a 10 anos? (A vida)
- 12 – Como você imagina a vida do seu filho daqui a 10 anos?
- 13 – O que você deseja para o futuro do seu filho?
- 14 – Qual tipo de música você mais gosta? Tem alguma banda ou cantor preferido?

**CÓDIGO PARA A CODIFICAÇÃO DOS DITONGOS NASAIS ÁTONOS FINAIS –
MESTRADO**

**A VARIAÇÃO DO DITONGO NASAL ÁTONO FINAL DA CIDADE DE
UBERLÂNDIA**

Luana Yara da Silva Soares (Pós Graduanda)

VARIÁVEL DEPENDENTE:

VARIANTES: [vg] e [v]

- Para a realização plena [vg].....1
- Para a realização com apagamento[v]..... 2

VARIANTES INDEPENDENTES:

- VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

1 – CONTEXTO PRECEDENTE

Nasais (homem).....N

Oclusivos (órgão, ontem).....O

Fricativas labiais (órfão, joyem).....B

Fricativas alveolares (casam).....A

Fricativas pós-alveolares (serragem; acham).....P

Líquidas-laterais (molham).....L

Líquidas não-laterais(falaram).....Q

Vibrante (correm).....V

2- CONTEXTO SEGUINTE

Consoante nasal (<i>Ele é um homem <u>ma</u>duro</i>).....?	
Consoante não-nasal (<i>Ele é um homem <u>ca</u>sado</i>).....*	
Vogal (<i>Ela é uma jovem <u>a</u>miga</i>).....!	
Pausa (<i>farei uma viagem<u>#</u></i>)#	

3 - TONICIDADE DO CONTEXTO SEGUINTE

Contextos orais (<i>foram <u>ago</u>ra</i>).....4	
Contextos nasais (<i>foram <u>in</u>do</i>).....5	

4 - CLASSE GRAMATICAL

Nomes (homem, nuvem).....6	
Verbos (falaram, comeram, jogam).....7	

5 - TIPO DE VOGAL

Vogal baixa (órg <u>ã</u> o, fal <u>a</u> m).....8	
Vogal média-alta (viag <u>e</u> m, jardimag <u>e</u> m, elétron, nyl <u>o</u> n).....9	

• VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

1 – INFORMANTES

Informante 1.....a	
Informante 2b	

Informante 3	c
Informante 4.....	d
Informante 5.....	e
Informante 6.....	f
Informante 7.....	g
Informante 8.....	h
Informante 9.....	i
Informante 10	j
Informante 11.....	k
Informante 12.....	l
Informante 13.....	m
Informante 14.....	n
Informante 15.....	o
Informante 16.....	p
Informante 17.....	q
Informante 18.....	r
Informante 19.....	s
Informante 20.....	t
Informante 21.....	u
Informante 22.....	v
Informante 23.....	w
Informante 24.....	x

2 – SEXO

- FemininoF
- MasculinoM

3 – GRAU DE ESCOLARIDADE

- 0 a 11 anos de estudo0
- Mais de 11 anos de estudo3

4 – FAIXA ETÁRIA

- 15 a 34 anos de idade@

- 35 a 54 anos de idade&
- Com 55 anos ou mais de idade\$